A LIAHONA

Novembro *1967*

IDÉIAS ETERNAS

LEITURA ESSENCIAL PARA TODO SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS

A IGREJA RESTAURADA

Uma interessantíssima introdução histórica ao mormonismo. e ao seu povo. Com magníficas ilustrações a 4 côres. Um perfeito presente para amigos e investigadores e magnífico auxílio para missionários.

A PALAVRA DE SABEDORIA E VOCÊ

Dedicado à pureza da juventude, trazendo discussões, destinadas a fortalecer os jovens contra os males da atualidade. Como disse o Apóstolo Petersen, "Não há substituto para os fatos e nenhum inimigo como a ignorância".

JUVENTUDE E A IGREJA

Especialmente destinado aos atuais problemas da juventude, destacando a importância da escôlha de um viver reto, de conformidade com as doutrinas do mormonismo. Leitura inspiradora, bem apropriada a um presente.

VOCÊ PODE APRENDER A FALAR

Um importante e valioso instrumento para todo membro da Igreja: como criar e proferir discursos vívidos e eficazes, como expressar-se mais claramente. Os jovens e os adultos beneficiar-se-ão grandemente com esta ajuda.

O LIVRO DE MÓRMON

Em primorosa apresentação em percaline com gravações douradas e sobrecapa plastificada, a quatro côres, êste importante testemunho histórico da vinda de Jesus Cristo ao continente americano constitui ótima sugestão para um presente.

LIVROS QUE MERECEM UM LUGAR PERMANENTE NA SUA BIBLIOTECA E NO SEU PROGRAMA DE LEITURA

Explorando o Universo

Dr. Franklin S. Harris Jr.

Os Bebês e os Medicamentos

Chamando ateção para o fato de que um recém-nascido apresenta marcada suscetibilidade aos efeitos depressivos das drogas usadas durante o parto, o Dr. Gerald Stechler do Centro Médico da Universidade de Boston procurou saber quanto tempo duraria o sintoma. Submeteu a testes bebês normais de 2 a 4 dias de idade e descobriu que os bebês cujas mães receberam altas doses de medicamento durante o parto se mostraram menos atentos que aquêles cujas mães receberam pequenas doses de medicamentos.

Arma enamento de Sangue

Há quase trinta anos, o Prof. Alexandre Goetz, do Instituto tecnológico da Califórnia, demonstrou que se as células vivas do levêdo fôssem ràpidamente congeladas a temperatura do nitrogênio líquido (—320°F ou —160°C), poderiam ser conservadas indefinidamente e então reaquecidas à temperatura ambiente para serem reativadas como se jamais tivessem sido congeladas. Naquela ocasião, apontou êle a aplicação disso no armazenamento de sangue. Progressos obtidos nas técnicas de baixas temperaturas agora tornaram isso possível. Sangue armazenado por cinco anos e então reaquecido tem sido usado em cirurgia no Hospital Geral de Chelsea (Mass.) O sangue armazenado às temperaturas ordinárias de refrigeração durará apenas três semanas.

O Stonehenge da Inglaterra

Cálculos feitos por Gerald S. Hawkins sôbre os alinhamentos dos monolitos que constituem o famoso círculo de pedras erectas, estabeleceu a existência entre os seus contrutores de um alto e complexo nível de conhecimentos sôbre as órbitas lunares e solares, inclusive sôbre as irregularidades e a capacidade de predizer eclipses. Tal conhecimento parece ter sido mais avançado que o conhecimento contemporâneo (2.000 a.C.) no Egito, na Mesopotamia e na China.

A LIAHONA Órgão Oficial da Igreja.
Novembro de 1967.
Volume XXI Número 11

ARTIGOS:

5 **O Sábado da Terra.** Sterling W. Sill
7 **A Partir de Cumorah – XVII.** Hugh Nibley
10 **Por que os Mórmons Guardam o Sábado? – II.** H. da R. Camargo
13 **Então é Disso que São Feitos os Rapazes? - XV.** W. Cleon Skousen
17 **Prima Laura.** Patricia Middleton Faas
24 **Mãe de Família.** Bonnie Muirbrook
26 **Fiel à Fé.** Ann Bedford Williams
29 **Gogi.** Madeline Eccardt
31 **Melodia Matinal.** Wilma Boyle Bunker
33 **Dados Estatísticos da Igreja.**

SEÇÕES:

4 **O Amor que os Levou ao Altar.** Mensagem de Inspiração
9 **Coisas Ocultas nos Sábios.** Editorial
20 **Está Bem aí no Manual!** Bispado Presidente
22 **O Espírito de Elias.** Genealogia
23 **Juventude da Promessa.** AMM
27 **Não Sei.** Ensino
28 **Amplie suas Ilustrações.** Ensino
31 **Marionetes.** Primária
32 **Vovó, valor Inestimável.** Sociedade de Socorro
32 **Escola Dominical**
34 **Notícias**

Capa: Parque Nacional Grand Tetons visto através do Lago Jackson, próximo a entrada sul do Parque Nacional Yellonstone. Foto de Lucien Boun.

A Liahona, R. Afonso Braz, 464, 3.º, Cj. 31, Fone 61-2344 — São Paulo. Editor: Hélio da Rocha Camargo; Redator: Francisco Máximo C. da Silva. **A Liahona**, orgão oficial da estaca e missões brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias, editada pelo Centro Editorial Brasileiro, é tradução do Unified Magazine e se acha registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira, Ind. Gráf. S. A., R. Ana Neri, 466 São Paulo.
Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo; Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215, fone 80-4638, CP 862 São Paulo SP; Missão Brasileira do Sul, R. Gen. Carneiro, 490, fone 4-8016, CP 778, Curitiba PR; Missão de Construção R. Itapeva, 378 fone 33-6761. São Paulo SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação.
Preços: Assinatura anual para o Brasil; NCr$ 3,00, para o exterior simples US$ 3.00, aérea US$ 7.00. Exemplar NCr$ 0,30, atrazado NCr$ 0,60. As mudanças de endereço dévem ser feitas com trinta dias de antecedência, devendo indicar o antigo e o nôvo endereço

O casamento não é o fim do namôro, mas a sua eternização

O Amor Que os Levou ao Altar

Presidente David O. McKay

Creio que demasiados casais que se encaminham ao altar do matrimônio encaram a cerimônia do casamento como o fim do namôro. Que todos os jovens e adultos da igreja considerem aquela cerimônia como o princípio de uma côrte eterna. Não nos esqueçamos de que de permeio aos encargos da vida no lar, as palavras delicadas de agradecimento e os atos corteses são ainda mais apreciados que durante os dôces mêses do namôro.

É após a cerimônia, durante as vicissitudes que surgem diariamente no lar que um *muito obrigado, desculpe-me,* ou *por favor* contribuem para a perpetuação daquele amor que os levou ao altar.

É bom manter em mente três grandes ideais que contribuem para a felicidade após a cerimônia do casamento:

O primeiro é a lealdade. O marido não tem o direito de sucumbir às atenções de qualquer mulher que não a sua dôce espôsa. E a espôsa tem o mesmo dever para com seu marido. Juntos são um par invencível construindo um lar, e devem ser sempre leais ao grande convênio que fizeram diante do altar!

O segundo ideal é o autocontrôle! Pequenas coisas podem acontecer para aborrecê-lo, e você talvez reaja de imediato, com palavras ferinas e voz alterada, magoando o outro. Não sei de virtude que contribua mais para a felicidade e paz de um lar que a grande qualidade do autocontrôle no falar. Abstenha-se de dizer as palavras ferinas que lhe vierem à mente quando estiver magoado ou vir algo que o ofenda. Lembre-se de que dentro de poucos minutos estará satisfeito por não ter pronunciado a palavra cruel ou cometido o ato impulsivo. O resultado é paz e amor no lar.

O terceiro ideal é aquela pequena e simples virtude da cortesia para com seus filhos. Depois da vida eterna, o dom mais precioso que nosso Pai Celestial pode conferir a um homem e a uma mulher são os filhos. Existem três coisas fundamentais às quais tôda a criança tem direito: um nome respeitável, senso de segurança e oportunidades de desenvolvimento. O lar é o próprio centro de tudo isto. É lá que uma criança aprende o respeito pelos direitos alheios. É num lar paterno bem dirigido que homens e mulheres começam a desenvolver a consciência de que a verdadeira felicidade repousa na adaptação da vida às leis da natureza e às regras de conduta social. Quando os pais demonstram cortesia para com os filhos, e os filhos são corteses com pai e mãe, existe refinamento no lar.

Lealdade, autocontrôle, cortesia!

São indispensáveis a todos — crianças, adolescentes, pais, tanto os jovens como os que ainda são jovens na aparência — para mais se obter de uma vida melhor, numa existência mais dôce e mais feliz. Todos temos direito a isto, mas o mundo comete o êrro de pensar que o melhor e mais satisfatório na vida vem da rendição às paixões e tendências animais. Isto não é verdade.

O melhor e mais apreciável da vida provém, na verdade, da obediência aos valôres espirituais, às coisas estéticas, às belas coisas da vida. A existência melhor e mais dôce é a que é vivida em harmonia com a palavra de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Êste é o meu testemunho a vocês, e eu os convido a fazerem prova disto.

Se a terra dos nossos dias é um lugar maravilhoso, quão maravilhoso então não haverá de ser no desejado Milênio.

O Sábado da Terra

Sterling W. Sill
Assistente do Conselho dos Doze

Um das grandes recordações que trago da infância é a lembrança do dia do Senhor. Naqueles velhos tempos, na fazenda, o domingo era um dia completamente à parte do resto da semana. De segunda a sábado nossa atenção centralizava-se no pesado trabalho de ganhar a vida através do esfôrço físico de homens e animais.

Mas o domingo era diferente — era o dia santificado. Era o dia de repouso. Era o Dia do Senhor. Na noite anterior os cavalos eram soltos no pasto e todo o labor ficava suspenso. Êsse dia era também uma espécie de dia especial de limpeza, para preparar as coisas e pessoas para o domingo. E o ato final da semana de trabalho era aquêle importante ritual antigo conhecido como o "banho de fim de semana". E isso era complementado pela distribuição de roupas limpas e bem consertadas, em casa, tudo preparado, pronto para o domingo.

Uma completa preparação física e espiritual também indicava nosso conhecimento da intenção do Criador ao estabelecer o Dia do Senhor para ser o ponto alto da semana. Já se disse que nossa civilização não teria sobrevivido meio século sem êsse dia pôsto de parte em cada sete. É nêle que se espera que vivamos em nosso melhor, trajando as roupas melhores, lendo os melhores livros, dedicando-nos aos melhores pensamentos e aproximando-nos das pessoas de maior significado em nossa vida. E, após têrmos pôsto de lado os cuidados que nos absorvem nos outros seis dias, vamos à casa de oração, elevamos nossas mentes e procuramos compreender as coisas de Deus.

A semana é a unidade da vida e foi moldada segundo aquela memorável primeira semana — a da criação. Ao se abrir o cenário no primeiro dia, sentimos as densas trevas pairando sôbre o abismo e vibramos com o primeiro passo na marcha do progresso, quando Deus disse: "Haja luz". (Gên. 1:3). Acompanhamos depois os outros atos da criação até o seu coroamento, no sexto dia, quando Deus criou o homem à sua imagem e dotou-o com seus próprios atributos e potencialidades. Depois, resumindo os feitos dêste período de criação, o santo registro relata: "Assim os céus e a terra e todo o seu exército foram acabados.

"E, havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que havia feito, descansou no sétimo dia...

"E abençoou Deus o sétimo dia e o santificou". (Gên. 2:1-3).

Então, programando a existência mortal ou temporal do mundo, Deus distribuiu seu tempo em 7.000 anos — (vide D. & C. 77:6-7), cada 1.000 anos para representar um dos sete dias da criação. Os primeiros 4.000 anos principiaram com a queda de Adão e se encerraram com o nascimento de Cristo. A êstes foram adicionados os 1967 anos transcorridos desde aquêle tempo, de forma que no calendário divino estamos agora vivendo no ano 5.967 do mundo, que é o fim da semana na história do mundo. Êste cronograma divino bem como os sinais dos tempos dados por Deus indicam que o Sábado da terra, ou seja, o sétimo período de 1.000 anos, está para principiar.

Após a criação, Deus contemplou sua obra e a considerou muito boa. A terra era então um paraíso de beleza, paz e abundância. Nossos primeiros pais foram colocados no belo Jardim do Éden, onde tudo havia sido fornecido para seu benefício. Mas com a queda do homem a terra também caiu. E ao anunciar a penalidade para a desobediência do homem, disse Deus: "...maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias de tua vida;

"Espinhos, e cardos também, te produzirá". (Gên. 3:17-18).

Podemos considerar esta terra como um lugar bem extraordinário assim mesmo como está, mas por aproximadamente 6.000 anos ela vem operando em estado decaído, como um mundo teleste. E não apenas produziu seu solo espinhos, cardos e ervas daninhas, mas a licenciosidade, a corrupção e todos os tipos de desobediência floresceram sôbre sua face. Sua superfície tornou-se improdutiva com o aparecimento dos desertos e lugares desolados, enquanto a inimizade e o ódio envenenaram os corações tanto dos homens como dos animais; e durante todo êsse longo e triste período, o pecado, o sofrimento e a morte tornaram-se o quinhão geral de

todos os homens, mesmo de tôda a humanidade.

Mas os próximos mil anos serão o Sábado da terra. O período em que ela repousará e usufruirá de um estado santificado. Para êsse período a terra será renovada e recuperará seu estado primitivo, como uma esfera do reino terrestre, com tôda a sua beleza, glória e retidão paradisíacas plenamente restauradas. Mas, antes disso, será purificada. No decorrer de sua longa história de pecado e tribulação, nossa terra tornou-se maculada e suja. E precisa tomar seu "banho de fim de semana" e vestir trajes limpos e novos, para viver de forma condigna seus melhores 1.000 anos.

Em diversas ocasiões anteriores Deus tentou purificar a terra: — uma vez pelo dilúvio, nos dias de Noé; e em outras ocasiões, por meio de guerras, fomes, pestilência e moléstias, em outras ocasiões, procurando livrá-la da iniqüidade que conspurcava sua face. Mas, na preparação para o Sábado da terra, Deus afirmou que o fogo será o agente purificador e todo o corrupto será consumido. (D. & C. 101:24). Todos os que quando meninos recusavam-se a lavar as orelhas podem aguardar esta experiência com expectativa especial.

Através de Malaquias o Senhor disse: "Porque eis que aquêle dia vem ardendo como forno: todos os soberbos e todos os que cometem impiedade serão como palha; o dia que está para vir os abrazará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo". (Mal. 4:1). Depois se seguirá o sétimo período de mil anos de há muito esperado. Será um milênio de paz, quando Cristo reinará pessoalmente sôbre a terra como o Rei dos reis e o Senhor dos senhores. Esta mudança no estado da terra será iniciado na gloriosa segunda vinda de Jesus Cristo e, após sua purificação, o nôvo Rei removerá a maldição da terra e restabelecerá sua primitiva glória terrestrial.

Êste grande período milenar com seu govêrno perfeito foi tema favorito dos profetas desde o princípio dos tempos. E deve ser também uma das mais inspiradoras influências em nossa vida. Mais de 3.000 anos atrás o Salmista contemplou o futuro depois da apostasia, da idade de escuridão e da iniqüidade e descrença de nossos dias e disse: "Virá o nosso Deus, e não se calará: adiante dêle um fogo irá consumindo, e haverá grande tormenta ao redor dêle.

"Chamará os céus, do alto, e a terra para julgar o seu povo.

"Congregai os meus santos, aquêles que fizeram comigo um concêrto com sacrifícios". (Salmos 50:3-5).

Durante êste período final de 1.000 anos extensas mudanças ocorrerão na própria terra, bem como na vida do povo que habita sôbre ela. A condição deleitosa e paradisíaca da terra será restaurada com a beleza do Jardim do Éden. Seus desertos e lugares desolados desaparecerão; Satanás será prêso; e não haverá mais corrupção, morte ou enfermidade, como agora os conhecemos.

A respeito dêste evento, João, o Revelador disse: "E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão.

"Êle prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, a amarrou-o por mil anos.

"E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs sêlo sôbre êle, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja sôlto por um pouco de tempo". (Apoc. 20:1-3).

Durante êsse milênio, a inimizade entre homens e animais cessará. Isaías diz: "E morará o lôbo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão, e a nédia ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará.

"A vaca e a ursa pastarão juntas e seus filhos juntos de deitarão; e o leão comerá palha como o boi.

"E brincará a criança de peito sôbre a toca do áspide, e o já desmamado meterá a sua mão na cova do basilisco.

"Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar". (Isaías 11:6-9). Então ninguém dirá que Deus está morto, ou que suas revelações cessaram, ou que a vida não tem propósito.

Muitos anos atrás Harry Emerson Fosdick escreveu um livro interessante intitulado *It's a Great Time to be Alive* (É uma época extraordinária para se viver). Descreveu alguns dos milagres e maravilhas que tornam nossa era a mais emocionante desde a criação. E, no entanto, a magnificência dêsses 1.000 anos vindouros fará nossos dias de maravilhas e milagres parecerem-se com a idade da escuridão.

Naturalmente, o Senhor não virá à terra só. Como diz Paulo: "Êle virá com seus anjos poderosos em labareda de fogo". (Vide 2 Tess. 1:7-8). E muitos dos mortos justos serão então ressuscitados e arrebatados para reunir-se ao Senhor e sua comitiva, nos ares. Falando dêste evento, disse Paulo aos Tessalonicenses: "...Não quero irmãos, que sejais ignorantes acêrca dos que já dormem...

"Porque ... aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com êle.

"Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.

"Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com êles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor". (I Tess. 4:13-14, 16-17). Que grande dia será êsse para se viver!

Que dia maravilhoso, quando o sucesso, a felicidade e a paz cobrirem a terra e os filhos crescerem sem pecado até alcançar a salvação. Quão significativa será então a promessa do Senhor através de Zacarias, quando disse: "Exulta e alegra-te, ó filha de Sião, porque eis que venho e habitarei no meio de ti, diz o Senhor". (Zacarias 2:10).

Isaías diz também: "E edificarão casas e as habitarão; e plantarão vinhas, e comerão o seu fruto.

"Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque os dias do meu povo serão como os dias da árvore, e os meus eleitos gozarão das obras das suas mãos até a velhice.

"Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a perturbação; porque são a semente dos benditos do Senhor e os seus descendentes com êle.

"E será que antes que clamem, eu responderei: estando êles ainda falando, eu os ouvirei.

"O lôbo e o cordeiro se apascentarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; e pó será a comida da

(Conclui na página 12)

Prossegue o estudo erudito do Livro de Mórmon, com a descoberta de antigos documentos. Continuamos com um breve exame sôbre alguns dêles, que ainda não apareceram em forma de livro nem foram traduzidos para o inglês.

A Partir de Cumorah

NOVAS VOZES DO PÓ

XVIII - O Problema dos Três Documentos

(Continuação do capítulo anterior)

Hugh Nibley

Prof. de História e Religião na Universidade Brigham Young

A seção seguinte relata como Jesus procurou tornar seus discípulos e seguidores perfeitamente unos entre si, com Êle próprio e com o Pai: "Não tendes ouvido falar, ó meus amados, do amor de Jesus por seus Apóstolos; tão grande que nada reteve dêles, em tôdas as manifestações de sua divindade?" Essa bênção foi concedida em três etapas: "a primeira na bênção dos cinco pães de cevada, a segunda quando êle orou e glorificou ao Pai, a terceira quando abençoou os sete pães". Em 3 Nefi 19, o Senhor também concede sua glória aos discípulos em três etapas, enquanto oravam três vêzes "ao Pai em nome de Jesus". (Verso 8).

Após isto, "Tomé diz a Jesus: Eis, ó Senhor, que em tua bondade nos conferiste tôdas as graças. Mas há ainda uma coisa que gostaríamos que nos concedesses". Êste é um tema comum nos relatos dos "quarenta dias", onde os apóstolos, após terem recebido todo o conhecimento e esclarecimento, e tornarem-se perfeitamente unos com Jesus, ainda têm uma pergunta à fazer-lhe, mas ficam embaraçados com sua própria presunção, até que Jesus, que conhece seus corações, diz saber qual é o seu desejo e que não precisam envergonhar-se, porque é uma pergunta meritória.[87] No texto em consideração o Senhor simplesmente incentiva Tomé e seus irmãos a não se envergonharem de perguntar o que têm em mente, apesar de faltar o elogio usual. Êsse elogio não está ausente no Livro de Mórmon:

"E sucedeu que ... falou aos seus discípulos, *um por um* (êles sempre o interpelam individualmente na literatura dos "quarenta dias"): Que é que desejais de mim...?

"E, depois de haver assim falado, voltou-se para os três...

"E seus corações se entristeceram porque não se atreviam a dizer o que desejavam.

"E Jesus lhes disse: — Eis que sei o que pensais, e sei que desejastes aquilo que João, meu amado, desejou de mim.

"Portanto, mais bem-aventurados sois..." (3 Nefi 28:1, 4-7).

O texto aqui reporta-se a outra situação idêntica ocorrida no Velho Mundo. E qual é o principal dom concedido aos três? Que "nunca provareis a morte... até que tôdas coisas sejam cumpridas...

"E nunca padecereis as penas da morte... sereis transformados num abrir e fechar de olhos... (Ibid. 28-7-8).

Um favor semelhante é concedido em nosso relato copta: "Desejamos, ó Senhor, poder ver como se passam as coisas com os mortos que jazem em seus sepulcros, a quem levantaste para ser-nos um sinal da tua ressurreição a ter lugar para nós... Desejamos ver os ossos que se desconjuntaram na tumba e como são reunidos uns aos outros, para que os mortos possam falar". O que se segue mostra que esta é claramente uma tradição pós-ressurreicional, pois, em resposta a seu pedido, é mostrada a Tomé e seus dois amigos a ressurreição de Lázaro, em cujo levantamento o cemitério inteiro se revolveu e "os mortos se levantaram e vieram para fora por causa da voz de Jesus".

Naturalmente, uma tal ressurreição apenas poderia ocorrer após o próprio Senhor ter ressuscitado. As descrições do *descensus* (a visita do Senhor aos espíritos em prisão) e do *kerygma* (sua pregação a êles e a conseqüente libertação) que se seguem, também pertencem claramente a um cenário posterior à crucifixão. No momento em que Jesus manda a Lázaro que saia, Adão também ouve sua voz e brada: "Esta voz que ouço é a do meu Criador e Redentor. Esta é a voz daquele que era minha glória quando a mim se dirigiu no Paraíso ... Ó meu filho Lázaro, leva a minha saudação ao meu Criador. Oh, quando virá o tempo em que eu também possa ouvir a voz da vida a chamar-me?"

Antes de conceder o desejo dos apóstolos, Jesus diz ao povo: "Mais abençoados são os que não viram e creram do que os que viram e não creram", que é semelhante ao trecho do Livro de Mórmon "...benditos sois se crerdes ... depois de me terdes visto ..

"E, outrossim, mais benditos serão os que acreditarem em vossas palavras..." (isto é, sem terem visto). (3 Nefi 21:1 s.).

A seguir o texto copta acrescenta: "Vêdes quantos milagres e sinais operei entre os judeus e, no entanto, não me creram". Isto também assemelha-se a 3 Nefi 19:35: "Tão grande fé Eu nunca vi entre todos os judeus: e por êste motivo não lhes pude mostrar tão grandes milagres, em virtude de sua incredulidade".

Vai sempre de um a três o número dos apóstolos que são distinguidos com bênçãos e manifestações especiais, após a ressurreição. No primeiro dos antigos

textos cristãos coptas a serem descobertos, o famoso *Pistis Sophia* (c. 42 f.), é-nos dito que Jesus designou três de seus discípulos para manter registro oficial do que Êle disse e fêz, de conformidade com a antiga ordem (Deut. 19:15) que requeria que tôdas as coisas fôssem estabelecidas por três testemunhas. Neste caso os três são Mateus, Tomé e Filipe, o que explica o destaque de seus nomes nos mais antigos registros cristãos. A importância do tema das três testemunhas no Livro de Mórmon dispensa comentários.

No assim chamado *Evangelho de Filipe* temos outra mistura de motivos do sacramento e da transfiguração, quando Filipe diz que Cristo "tornou os discípulos grandes, para que o pudessem ver em sua grandeza. Naquele dia, abençoando o sacramento Êle disse: Vós que vos haveis unido ao perfeito, à luz, com o Espírito Santo, uni-vos aos anjos conosco também..."[88]

Compare-se estas palavras com o capítulo 19 de Terceiro Nefi, onde "...e ficaram cheios do Espírito Santo e de fogo ... e desceram anjos dos céus ... e ministraram-lhes.

"...eis que Jesus veio e, pondo-se no meio dêles...

"...e êles ficaram tão brancos como o semblante e os vestidos de Jesus..." (Versos 13-15, 25).

A mesma fonte também fornece um interessante comentário sôbre o nome Cristo e a forma como muda de língua para língua — enquanto que o nome Jesus não se altera — dependendo daquilo que o orador pensa de Cristo.[89] Isto explica o uso do nome no Livro de Mórmon (onde tem sido criticado como um anacronismo), distinguindo o verdadeiro Messias do Messias esperado pelos judeus em geral. Também considerada como um anacronismo no Livro de Mórmon é a referência a fé, esperança e caridade, uma fórmula sôbre a qual os novos textos coptas lançam alguma luz. Essa expressão era tida como uma invenção paulina, mas trata-se de uma fórmula bem conhecida em tempos muito antigos; mais recentemente, os Manuscritos do Mar Morto demonstraram à bastança que várias das assim consideradas expressões paulinas foram na verdade emprestadas por Paulo a fontes muito mais antigas.[90] O recém-descoberto *Apócrifo de Tiago* apresenta um notável paralelo com o ensinamento de Alma a respeito do crescimento da fé em têrmos de uma semente.[91] Quando lemos no *Evangelho de Tomé*, "Vinte e quatro profetas falaram em Israel e todos falaram de Ti",[92] pensamos nas palavras de Helamã:

"...ainda mesmo desde a época de Abraão houve muitos profetas que testificaram essas coisas

"...e também quase todos os nossos pais ... testificaram da vinda de Cristo..." (Helamã 8:19, 22).

A própria existência de muitos dos conceitos básicos ilustrados nesses antigos escritos cristãos e judeus tem sido sempre negada até agora, porque tem sido repugnantes às igrejas estabelecidas. A idéia de uma pequena e eleita "Israel dentro de Israel" — é a um tempo contrária aos ensinamentos rabínicos e à doutrina cristã fundamental de que com a vinda de Cristo a Igreja tornou-se universal, abrangendo tôda a humanidade, o trigo e o jôio, os bons e os maus, indiscriminadamente. O conceito da pregação do Senhor aos espíritos em prisão e da obra vicária pela qual deveriam ser libertados tem sido em geral denunciada como uma aberração gnóstica. A idéia de uma igreja com uma estrita organização hierárquica e uma minuciosa preocupação com ritos e ordenanças é completamente oposta ao ponto de vista convencional de que a Igreja pristina era uma fraternidade espontânea de amor, desprovida de quaisquer fórmulas estabelecidas. O conceito da existência de qualquer sigilo ou reticência na pregação do evangelho é, como vimos, repulsivo aos mestres cristãos atuais.

Particularmente detestável aos clérigos do passado era aquela grande preocupação com a progênie, característica tanto dos Manuscritos como dos escritos coptas, estendendo-se bastante êstes últimos a respeito de uma ordenança muito especial do casamento; de fato, segundo Filipe, o principal propósito da vinda de Cristo à terra era voltar a unir Adão e Eva num convênio de casamento que duraria pelas eternidades.[93] *Voltar a unir?* Certamente, pois a doutrina da preexistência, vigorosamente condenada pelos doutôres da igreja do IV século em diante, atravessa como uma linha vermelha tanto as páginas dos escritos Nag Hammadi como as dos Pergaminhos do Mar Morto.

Preenchendo a lacuna: Admitindo-se que os recém-descobertos escritos cristãos e judaicos e o Livro de Mórmon parecem tratar de um mesmo universo de discurso, como explicar a coincidência, considerando-se a grande lacuna de espaço e tempo que separa o Velho Mundo do Nôvo? Na verdade, a lacuna se desvanesce quando submetida a um exame atento. Quanto ao espaço, não se necessita de nenhuma demonstração complexa para provar que a cultura é um item extremamente móvel e portátil sob certas condições, difundindo-se ràpidamente e persistindo com grande tenacidade. Basta considerar a forma com que os elementos de destaque do budismo, do helenismo, do romanismo, do arabismo e da "hispanidad" conquistaram ràpidamente grandes áreas do globo e ali permaneceram implantados por vários séculos. Desde os mais antigos tempos, tôdas as regiões do mundo foram acessíveis ao homem e, hoje, evidências persistentemente acumuladas ano após ano demonstram que os laços entre as grandes civilizações clássicas eram muito mais íntimos do que se suspeitava até aqui.[94] O espaço não é obstáculo ao transplante da cultura — muito menos o espaço vazio.

Quanto à lacuna de tempo, os Manuscritos evidenciaram as mais interessantes anomalias, desde o princípio. Eminentes eruditos judeus situaram-nos com tôda a seriedade na Idade Média, enquanto outros afirmaram que êles pertenciam a tempos pré-cristãos.

Comunidades cristãs tais como a dos mandeanos prosseguiram nos ensinamentos e costumes de Qumran, em lugares distantes, muitos séculos após o desaparecimento da comunidade do Mar Morto; na verdade, sobrevivem ainda hoje remanescentes dos mandeanos. E tanto êsses mandeanos como a sociedade de Qumran remontam, independentemente e em conjunto, aos rechabitas, que antes dos dias de Lehi procuraram viver como uma verdadeira Israel no deserto da Judéia. Temos aqui uma tradição notàvelmente estável, pois a vida era simples e os sectários seguiam sempre o mesmo manual — os escritos de Moisés — e assim perpetuaram uma tradição imutável e sem época. E Lehi pertence de forma definida àquela tradição — até mesmo conscientemente, de acôrdo com Helamã, que a enquadra por completo

(Conclui na página 30)

EDITORIAL

Coisas Ocultas aos Sábios

Presidente Lloyd R. Hicken
da Missão Brasileira

Quando contemplamos os cínicos e complacentes costumes da maior parte da humanidade, volta-nos repetidamente a compreensão da necessidade de completa submissão ao Senhor e confiança na sua vontade e palavra. É fundamental e imperativo numa verdadeira vida religiosa submetermos os nossos próprios interêsses e desígnios àqueles do Senhor e do seu reino. Nossos planos e nossa vida deveriam estar em completa harmonia com os seus propósitos.

A tendência moderna das pessoas que ocupam o seu tempo em pensar e maravilhar-se acêrca dos objetivos da vida é a de rejeitar os princípios ou as doutrinas que discordam das suas próprias experiências, observações, pesquisas e contemplações. Esta é a mais perigosa falácia na abordagem de um entendimento da vida entre o número crescente de pessoas bem instruídas e educadas. É natural, e talvez desculpável, que os homens sintam algum orgulho da sua capacidade de examinar, avaliar, pesar e julgar estas proposições e informações que lhes são apresentadas no campo das ciências materiais e relações sociais. Talvez isto seja um reflexo dos intensos esforços e pesquisas científicas dos nossos dias.

Não obstante, a condição do mundo e das suas instituições sociais deveria fazer com que os homens se humilhassem pela compreensão de que todo o saber acumulado e a perspicácia científica das eras têm acrescentado muito pouco à nobreza da alma humana e à excelência das relações sociais no mundo presente. Quaisquer que sejam os princípios e relações enobrecedoras estabelecidas, foram sacados das grandes fontes das leis da antiga Israel, e das que foram anunciadas pelo Senhor durante o seu ministério. Agora, num mundo irreligioso, estas leis novamente estão sendo ridicularizadas e rejeitadas em favor dos imemoriais ardís satânicos adornados por outros nomes e fraseologia, e anunciados como novos princípios e filosofias.

Os homens têm-se atirado numa precipitada corrida para a auto-destruição na sua arrogante e cínica sensação de auto-confiança. Os antigos e sólidos princípios de moralidade e reverência pela alma humana são escarnecidos. Uma nova geração está se levantando com desrespeito pela lei, a ordem e a autoridade, com irreverência pelas coisas sagradas, com escassamente um olhar aos céus e ao que implicam em nossa vida, e com abandono de tôdas as restrições ao mergulharem na livre indulgência nos desejos da carne. Isto é então caiado por alguns intelectuais como a "nova moralidade" consistente com a realidade das coisas, mas na verdade não passa de uma rendição a tôda a impiedade acumulada dêsde o início dos tempos.

O Senhor tem amplamente nos advertido das loucuras do nosso tempo. O apóstolo Paulo anunciou profèticamente numa carta ao jovem Timóteo:

"Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos.

"Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos.

"Sem afeto natural, irreconcialiáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons,

"Traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus,

"Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Dêstes afasta-te.

"Que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade". (II Timóteo, 3:1-5, 7).

Conhecedor da nossa tendência a desenvolver o orgulho e a arrogância ao acumularmos saber e talentos científicos, o Senhor advertiu a nossa geração através do profeta Nefi: "...Oh! a vaidade, a fraqueza e insensatez dos homens! Quando são instruídos, pensam que são sábios e não ouvem os conselhos de Deus, pondo-os de lado, supondo que sabem bastante por si mesmos; mas a sua sabedoria é loucura e não lhes traz proveito. E êles perecerão. Mas é bom ser instruído quando se ouve os conselhos de Deus". (II Nefi, 9:28-29).

Novamente, Paulo tentou tornar humilde esta geração expressando o seu pensamento aos santos de Corinto: "Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio nêste mundo, faça-se louco para ser sábio. Porque a sabedoria dêste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Êle apanha os sábios na sua própria astúcia". (I Coríntios, 3:18-19) O profeta Isaias revelou a verdadeira posição do homem em relação a Deus: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os céus são mais altos que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos". (Isaias, 58:8-9).

Como pode o homem olhar as maravilhas dos céus acima da sua cabeça e os prodígios da terra sob os seus pés, e dizer: "Não tenho necessidade de ti?" O profeta Nefi raciocinou "...Pois que, dirá a obra do artífice: Não foi êle que me fêz? Ou dirá a construção do construtor: Êle não tinha inteligência?" (II Ne. 27-27).

O ser mais inteligente que jamais caminhou sôbre a terra, Jesus, o Cristo, mostrou-se dependente e submisso ao seu pai em tôdas as coisas, e humilde e freqüentemente buscou a sua orientação e o seu apoio na oração e no jejum. Podemos nós viver inteligentemente e fazer menos que isso? Jesus claramente testificou da sua dependência: "O Filho por si mesmo não pode

(Conclui na página 16)

Poucas pessoas que exacerbadamente envolvem-se em controvérsias sôbre o dia a ser observado em consonância com a lei ignoram o fato de que em Israel esta lei tinha duas versões diferentes.

Por que os Mórmons Guardam o Sábado?

II

Hélio da Rocha Camargo

Por que guardar o sábado

Examinando as Escrituras podemos encontrar duas explicações dos motivos pelos quais os sábados do Senhor foram estabelecidos, em ocasiões diferentes:

1 — A primeira comemoração do sábado encontra-se justificada em Gênesis 2:3: "Porque em seis dias fêz o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia *descansou: portanto* abençoou o Senhor o dia do sábado e o santificou".

Entendemos assim que, desde o princípio, o Criador estabeleceu a guarda de um dia de descanso após cada seis de trabalho, à semelhança do que havia ocorrido na obra da criação, e em comemoração daquele acontecimento.

2 — A segunda vez em que o Senhor estabelece a guarda de um sábado é durante a fuga dos filhos de Israel do Egito. No Pentateuco está registrada a narrativa dos acontecimentos, havendo referência ao fato nos livros de Êxodo e Deuteronômio, sendo que as razões apresentadas para a solenização diferem fundamentalmente em cada um dêles:

a) No livro de Êxodo 20:11 repete-se a explicação encontrada na narrativa da criação do mundo, de que os sábados comemoravam o descanso de Deus ao findar a sua obra.

b) Em Deuteronômio 5:15, contudo, lemos: "Porque te lembrarás que fôste servo na terra do Egito, e que *o Senhor teu Deus te tirou dali* com mão forte e braço estendido: *pelo que* o Senhor teu Deus te ordenou que guardasses o dia de sábado".

Quando nos detemos para analisar estas discrepâncias, somos forçados a admitir que deveria haver alguma razão para que o Senhor apresentasse diferentes explicações sôbre o sábado nesses dois livros da Bíblia. Sabemos que Deus nada faz sem motivo, nem confunde as coisas ou delas se esquece, e por isso somos levados a investigar as razões dessa diferença.

O sábado dos israelitas era diferente do sábado dos Patriarcas

No livro de Êxodo está narrada a primeira entrevista entre Moisés e Deus no monte Sinai, ao chegar alí procedente do Egito conduzindo o povo. Nessa ocasião o Senhor deu-lhe uma série de estatutos, determinando-lhe que descesse e comunicasse aos israelitas que aquela era a Lei que Êle pretendia que guardassem.

Como é fácil de compreender quando se conhece o plano de salvação de Deus, a Lei proposta naquela ocasião só poderia ser o Evangelho, que tinha sido sempre o estatuto que regia a vida religiosa dos homens que buscavam obedecer ao Senhor. Êsse Evangelho havia sido vivido pelos Patriarcas das dispensações anteriores, e incluia a dedicação de um sábado ao Senhor, em comemoração do seu descanso ao terminar a obra da Criação.

De posse dessa Lei, Moisés desce e fala ao povo reunido ao pé do monte, obtendo dele a promessa de que tudo seria feito como o Senhor dissera.

Torna agora o líder dos hebreus à presença do Senhor no alto do monte para receber, gravadas em táboas de pedra pela própria mão de Deus, as Leis propostas para a vida da nação.

Quando finalmente retorna Moisés ao meio dos filhos de Israel e verifica sua rebelião e apostasia, enche-se de indignação e quebra as táboas de pedra, encerrando alí a tentativa do Senhor de dar ao povo naquela ocasião as leis perfeitas do Evangelho. Faltara fidelidade ao povo e dêsse modo não seria possível dar-lhe aqueles estatutos que viriam a ser uma maldição em suas vidas. O Senhor precisaria de tratá-los ainda como meninos, dando-lhes um aio que os conduzisse pela mão até ao completo amadurecimento da nação, para então receber o Evangelho em sua plenitude.

Disso dá testemunho Paulo, escrevendo aos Gálatas: "De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que pela fé fôssemos justificados" (Gl. 3:24).

A Lei finalmente dada ao povo instituia práticas diferentes

O livro de Deuteronômio (cujo nome significa "segunda lei"), relata o convênio feito então entre Deus e a casa de Israel no deserto do Sinai, fixando normas para as suas atividades religiosas, inclusive no que se relaciona com a guarda de um sábado diferente de tudo o que antes existira e de tudo o que depois se haveria de fazer: "Não com nossos pais fêz o Senhor êste concêrto, senão conosco, todos os que aquí estamos vivos" (Dt. 5:3), disse Moisés ao povo de Israel e realmente assim era, já que ficava estabelecido um nôvo tipo de sábados, devendo os israelitas interromper os seus labores semanalmente para comemor *a fuga do Egito,* e nem os Patriarcas tinham jamais fugido do Egito, nem tão pouco os futuros seguidores de Cristo, que viriam a aceitá-lo no meridiano dos tempos.

Concluiríamos assim que aquela lei que se acha registrada em Êxodo nunca chegou a ser dada ao povo

em caráter definitivo. A lei que lhes foi dada na ocasião, foi a que ficou registrada em Deuteronômio e que passou a constituir o concêrto entre Deus e os descendentes de Jacó que alí se haviam reunido, fugidos do Egito.

Confirmando o que dizemos, o próprio Moisés claramente afirma que o texto de Deuteronômio foi o único que o Senhor *deu ao povo,* tendo sido retirado tudo o que anteriormente pretendia dar-lhe: "*Estas palavras* falou o Senhor a tôda a vossa congregação no monte, do meio do fogo, da nuvem e da escuridade, com grande voz, e *nada acrescentou: e as escreveu em duas táboas de pedra,* e a mim mas deu" (Dt. 5:22).

O concêrto alí feito não era uma restauração dos estatutos dados aos Patriarcas, nem era a plenitude do Evangelho, mas um convênio exclusivo com os filhos de Israel presentes naquela ocasião, permitindo-nos concluir que os sábados guardados pelos antigos eram de outro tipo: do mesmo que seria restaurado aos santos no meridiano dos tempos.

Uma breve análise de Êxodo 34:1

Imaginamos que os conhecedores das Escrituras, ao lerem o que escrevemos até aquí, estarão se perguntando se nós desconhecemos o texto sacro de Êxodo 34:1 que diz: "Então disse o Senhor a Moisés: Lavra-te duas táboas de pedra, como as primeiras; e eu escreverei nas táboas *as mesmas palavras* que estavam nas primeiras táboas, que tu quebraste".

Quando comparamos o texto dos mandamentos em Êxodo e em Deuteronômio, podemos fàcilmente perceber que não estamos nos dois casos diante das *mesmas palavras,* porquanto, como já apontamos atrás, cada um dá uma explicação diferente a respeito dos motivos para a guarda dos sábados, além de outras variações igualmente perceptíveis.

Diante dêsse fato teríamos que optar entre as seguintes hipóteses:

a) O Senhor prometeu efetivamente escrever *as mesmas palavras* mas não o fêz. Esta solução é inteiramente inaceitável uma vez que sabemos que Deus nunca falha em suas promessas.

b) O Senhor teria efetivamente escrito as mesmas palavras nas táboas de pedra, tanto na primeira quanto na segunda vez, mas os escribas e copistas da Bíblia teriam falseado o texto, tornando-o diferente nos dois livros que o registram. Esta hipótese é possível e estaria perfeitamente de acôrdo com as regras de fé escritas pelo profeta Joseph Smith: "Cremos ser a Bíblia a palavra de Deus, tanto quanto seja correta a sua tradução", mas deixaria em situação difícil os que defendem a perfeição do texto bíblico em seu estado atual. Outro ponto ficaria entretanto sem explicação: a afirmativa de Paulo de que o Senhor dera a Israel na ocasião uma lei preparatória, depois de verificada a sua imaturidade espiritual.

c) A afirmativa de Êxodo 34:1 seria incompleta e mal traduzida, devendo o texto completo ser: "E o Senhor disse a Moisés: Lavra essas outras duas táboas de pedra como as primeiras, e sôbre elas também eu escreverei, as palavras da lei, segundo elas foram escritas primeiramente nas táboas que tu quebraste; mas não será de acôrdo com as primeiras, porquanto eu tirarei o sacerdócio do meio dêles; portanto minha santa ordem e as ordenanças correspondentes, não irão diante deles; porquanto minha presença não irá no meio deles, para que eu os não destrua". Êste texto faz parte da chamada Versão Inspirada da Bíblia, feita por Joseph Smith e referida no livro "Ensinamentos do Profeta Joseph Smith". Dêste modo podemos compreender que o Senhor não quebrou nenhuma promessa feita, mas os escribas e copistas tiraram alguns trechos importantes das Escrituras.

Como seriam então os sábados diferentes dados a Israel?

Um fato curioso torna-se patente quando lemos do estabelecimento dos sábados comemorativos da fuga do Egito para Israel: criava-se um sábado com data fixa. Não bastava contar-se de sete em sete dias para encontrar os sábados corretos: era necessário ainda fazê-los cairem em datas certas.

O mês da fuga, chamado Abibe ou Nizam, era o sétimo do calendário egípcio, mas por determinação de Deus passara a ser o primeiro do calendário hebraico: "Falou o Senhor a Moisés e a Aarão na terra do Egito, dizendo: Êste mês vos será o princípio dos mêses: êste mês vos será o primeiro dos mêses do ano" (Êx. 12:1-2).

A fuga foi precedida da comemoração da Páscoa, tendo o povo iniciado a preparação com os "pães asmos" e o cordeiro que cada família matou e comeu durante a noite antecedente à fuga. Conforme lemos nas Escrituras, o fato se deu ao anoitecer do dia 14 de Abibe, sendo a fuga iniciada depois da meia noite, quando já começava a despontar o dia 15, *que se tornaria o grande sábado e grande data nacional de Israel:*

"No primeiro mês, aos catorze dias do mês, à tarde, comereis pães asmos..."

"E foram os filhos de Israel e fizeram isso: como o Senhor ordenara a Moisés e Aarão, assim fizeram. E aconteceu, à meia noite, que o Senhor feriu a todos os primogênitos na terra do Egito... e Faraó levantou-se de noite... então chamou a Moisés e a Aarão de noite, e disse: Levantai-vos, saí do meio do meu povo..." (Ex. 12:18,28 a 31).

Datas que eram obrigatòriamente sábados

a) *A festa dos asmos* (dia da fuga) — Como vimos, o dia 15 do primeiro mês hebraico (Abibe ou Nizam), sendo o dia da fuga do Egito, deveria ser comemorado anualmente; entretanto não devemos julgar que êsse dia seria apenas um grande feriado nacional, não importando o dia da semana: êsse dia teria de ser sábado: "E aos quinze dias dêste mês é a festa dos asmos do Senhor... haverá santa convocação: nenhuma obra servil fareis" (Lev. 23:6-7).

b) *Pentecostes* — Esta palavra significa "quinquagésimo" e designava o dia de uma das festas mais significativas de Israel e sua data era marcada contando-se sete semanas completas a partir do "dia depois do sábado", ou seja, a contagem começava no dia em que a foice entrava a correr nos campos, o que ocorria no dia 16 de Nizam.

Uma vez que o dia 15 de Nizam era sábado, segue-se automàticamente que os dias 22 e 29 do mesmo mês também o seriam. No mês seguinte os dias 6, 13, 20 e

27 também seriam sábados e o *7.º sábado da contagem do Pentecostes seria o dia 4* do outro mês (chamado Sivam), que seria o 49.º dia da contagem. (Vide adiante o comentário sôbre o calendário hebraico, explicando que todos os mêses em Israel tinham 30 dias).

Como a festa deveria ser celebrada no 50.º dia, conclui-se que a sua data seria sempre *5 de Sivam,* o qual de acôrdo com a Lei, também deveria ser sábado, criando-se assim o sábado duplo, 4 e 5 de Sivam, de que já falamos linhas atrás e ao qual retornaremos mais adiante para estudarmos os seus efeitos sôbre o calendário dos israelitas.

c) *Tabernáculos* — O primeiro dia do mês de Tisri (o 7.º do calendário), deveria ser sábado, conforme lemos: "No mês sétimo, ao primeiro do mês tereis descanso..." (Lev. 23:24). Na mesma passagem encontramos a obrigatoriedade óbvia de que os dias 15 e 22 do mesmo mês fôssem igualmente sábados: "...aos quinze dias dêste mês sétimo será a festa dos tabernáculos ao Senhor por sete dias. Ao primeiro dia haverá santa convocação: nenhuma obra servil fareis... ao dia oitavo tereis santa convocação..." (Lv. 23:34-36).

Um dia de descanso extra era intercalado no meio da semana a êsse tempo, no dia 10 de Tisri; fora portanto da contagem de 7 em 7 dias, sendo o único dessa natureza em todo o ano: "Mas aos dez dêste mês sétimo... naquele mesmo dia nenhuma obra fareis..." (Lv.23:27-28).

d) *O ano nôvo* — O primeiro dia de cada ano deveria igualmente ser sábado, a fim de que o dia 15 do primeiro mês (Nizam) caisse como deveria em sábado. Para que não restasse dúvida quanto ao fato de ser o primeiro dia do ano um sábado, deixou Moisés registrado nas Escrituras: "E aconteceu *no mês primeiro,* no ano segundo, *ao primeiro do mês,* que o tabernáculo foi levantado... Pôs também a mesa na tenda da congregação, ao lado do tabernáculo para o norte, fora do véu, e sôbre ela *pôs em ordem o pão perante o Senhor,* como o Senhor ordenara a Moisés" (Êx. 40:17, 22-23).

Ora, como sabemos, a colocação dos pães da proposição em ordem era uma cerimônia que, "como o Senhor ordenara a Moisés", deveria ter lugar aos sábados: "E sôbre cada fileira porás incenso puro, que será para o pão por oferta memorial... em cada dia de sábado isto se porá em ordem perante o Senhor..." (Lv. 24:7-8).

Dias que nunca poderiam ser sábados

a) *Páscoa* — O dia 14 de Nizam era a Páscoa, dia em que se deveria assar um cordeiro para ser inteiramente comido no decorrer da noite seguinte. (Êx. 12:6-8).

Sendo êsse dia consagrado a preparar e assar o cordeiro, nunca poderia cair em dia de sábado pois, como é sabido, a Lei estipulava: "Não acenderás fogo em nenhuma das vossas moradas no dia de sábado" (Êx. 35:3).

Para que não se imagine que em tal caso haveria o recurso absurdo de comê-lo cru, Moisés escreveu: "Não comereis dêle nada cru, nem cozido em água, senão assado ao fogo..." (Ex. 12:9).

Na preparação para êsse evento determinava a Lei, inclusive, o dia em que se deveria apartar do rebanho o cordeiro escolhido para ser imolado na Páscoa, o que deveria dar-se no dia 10 do mesmo mês (Êx. 12:3). Tendo-se em vista que a Lei proibia qualquer tipo de obra servil nos sábados, sòmente uma pessoa que não conhecesse o trabalho que dá, apartar um cordeiro do rebanho, é que pensaria ser isso possível sem a quebra do descanso.

Temos dêsse modo, no mês de Nizam, além dos dias que seriam obrigatòriamente sábados, dois que nunca o poderiam ser: os dias 10 e 14.

b) *Colheita* — A Lei estabelecia, (Lv. 23:11) que o dia seguinte ao sábado dos asmos, ou seja, 16 de Nizam, deveria marcar o início da ceifa em Israel. Êsse dia seria o das "Primícias", em que a foice entraria a correr nos campos, sendo que o primeiro mólho colhido deveria ser apresentado ao sacerdote, para ser "movido" diante do altar como oferta ao Senhor. Êsse dia é referido repetidas vêzes nas Escrituras como o "dia depois do sábado", e por sua própria natureza como dia de *início da ceifa,* jamais poderia ser também um sábado.

Como tantas outras coisas maravilhosas no Evangelho, também essa prática do povo de Deus encerrava um significado simbólico e espiritual que só viria a ser perfeitamente compreendido quando o Senhor, ressurgindo dentre os mortos no "dia depois do sábado" comemorativo da fuga do Egito (a ressurreição deu-se portanto no dia 16 de Nizam), transformou-se nas "primícias dos que dormem", segundo a expressão de Paulo em I Cor. 15:20, ou seja, o primeiro que o Pai recolhia em seus celeiros: o primeiro mólho movido diante de Deus. *(Conclui no próximo número)*

O Sábado da Terra

(Conclusão da página 6)

serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor". (Isa. 65:21-25).

Nessa época os homens não mais morrerão e dormirão na terra, mas serão transformados num abrir e fechar de olhos e arrebatados, e seu repouso será glorioso. E Deus secará tôdas as lágrimas de seus olhos, e não haverá mais morte, nem tristeza e pranto, nem haverá mais dor.

Que grande época para se viver, quando o próprio Cristo fôr nosso legislador e os homens justos, de ambos os lados do véu, viverem e reinarem com Cristo por um milhar de anos. Por outro lado, que época trágica será ela para aquêles que não se tornarem dignos. Suponham que nos encontremos entre aquêles que foram mencionados por João o Revelador quando disse: "Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram..." (Ap. 20:5).

Uma revelação moderna diz: "Pois ... o Senhor fará soar a sua voz dos céus; ... e a terra estremecerá ... e dirá às nações adormecidas: vós, santos, levantai-vos e vivei; vós, pecadores, permanecei e dormi até que Eu volte a chamar-vos outra vez". (D. & C. 43:18).

Ao fim do sétimo período de mil anos Satanás será sôlto novamente por um pequeno período de tempo, antes que o mal seja banido para sempre. E após o Milênio a terra passará a uma condição mais avançada, para atingir seu estado final de esfera celestial, na qual o eleito viverá para sempre como membro daquela ordem exaltada à qual o próprio Deus pertence.

Possa Deus garantir-nos sucesso nesta, que é a maior de tôdas as emprêsas da terra, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Então é disso que São Feitos os Rapazes — XV — Conclusão

Hoje Sou um Adulto

W. Cleon Skousen

Quando um rapaz se desenvolve em sua plena estatura, toma um profundo hausto e declara: "Mamãe, hoje eu sou um homem". Isto soa como um grito de Tarzan, no tôpo da árvore mais alta. E mais, o júnior está soltando um tipo de brado bem especial, neste seu vigésimo primeiro aniversário. Está tocando a trombeta para que o destino venha buscá-lo, em qualquer lugar e a qualquer hora, de preferência nos próximos cinco minutos!

Os 21 anos são um ano de impulsividade, de conquista, um ano de florescente maturidade. Irradia confiança, exuberância, pôse, vivacidade e belos sonhos. Psicològicamente é um grande ano.

Retrato de um rapaz de 21 anos

Apesar de tradicionalmente os 21 anos serem o limiar da emancipação, Mamãe Natureza sabe que o trabalho ainda não está bem completo. O júnior é ao mesmo tempo um rapazinho e um homem. Em traje de banho, calças de brim ou roupas de trabalho pode passar por um garoto bem desenvolvido de 17 anos. Já com seu traje de festa chega a aparentar 25.

No ano passado preocupava-se muito em causar a impressão de ser um homem, mas agora já gosta de dar uma escorregadela para trás, de vez em quando, com rompantes de adolescente. Isto pode acontecer apenas duas ou três vêzes no ano, mas fica tão fora de propósito que deixa tôda a família chocada. Para o júnior é simplesmente um nostálgico relance sôbre os ombros, para saborear pela última vez os modos descuidados dos "velhos tempos". Como um potro desenvolvido, êle sabe instintivamente que esta é talvez a última oportunidade de dar um galope, antes de aceitar seu quinhão na responsabilidade da vida.

Essencialmente, porém, o júnior se acha notàvelmente bem equipado para desempenhar o papel de um homem adulto, caso as circunstâncias o requeiram. Nos dias dos pioneiros a maturidade era fundamental. Um rapaz de 21 anos possuía sua fazenda, era pai de família e já representava uma fôrça para o bem dentro da comunidade. Isto demonstra o potencial do moço dessa idade. No entanto, a vida moderna tende a adiar essas exigências. Por isso, alguns rapazes continuam ainda por algum tempo a agir como adolescentes desinibidos.

Nasce um cidadão

Mas, no que diz respeito à Lei, o júnior fêz agora seu "debut". Tôdas as leis que antes o consideravam como "menor" tornam-se inaplicáveis. Seus pais já não têm mais responsabilidade de dar-lhe teto e alimento. Podem ajudá-lo um pouco, de vez em quando, porque o amam, mas legalmente falando o júnior já rema sua própria canoa. Êle perderá muitas noites acordado, lembrando como era bom quando o papai estava nos remos.

De agora em diante é responsável pelos seus contratos diante da lei.

O júnior está entregue a si mesmo em muitos aspectos. Se evitar o hábito do fumo com seus riscos de câncer, será crédito seu. Fica também a seu próprio critério não se tornar alcoólatra. As leis que regulam a venda de bebidas deixaram de protegê-lo desde o dia em

que atingiu os 21 anos. As placas de "proibido para menores" também não mais o detém. Se visitar algum cassino, descobrirá que a lei considera-o sensato o bastante para não jogar. E por isso não haverá mais lei para mantê-lo fora das mesas de jôgo.

É importante que o júnior adquira uma perspectiva inteiramente nova da vida. Como cidadão de plena estatura, espera-se que êle seja um defensor da lei e da ordem, do bom govêrno e da vida sábia e feliz. A sociedade não tem mais nem desejo nem necessidade de tratá-lo como um nenê. De agora em diante êle será honrado como um homem: um homem de discernimento, apetites controlados, emoções equilibradas e conduta definida; um homem com habilidade e ambição, dotado de consciência social e um genuíno espírito de dedicação ao próximo. Alguns rapazes de 21 anos, naturalmente, não atingem isto. Agem pelo menos a metade do tempo como garôtos imaturos, com rompantes de mau gênio e impulsos infantis. Alguns até transgridem a ordem. Quando isto sucede, as fôrças das leis o atingem como um raio.

A sociedade é muito menos tolerante com um rapaz de 21 anos que assalta, mente e rouba do que com um adolescente. Êle ouve a expressão "criminoso" aplicada a seu respeito e não gosta. Esta é a forma de a comunidade exigir: "Levante-se, júnior, seja homem!"

Afortunadamente, no entanto, a grande maioria dos cidadãos novos está preparada para sua responsabilidade e pode dizer com o Apóstolo Paulo: "Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino". (I Cor. 13:11).

O Meu Voto Vale Tanto Quanto o do Presidente

Com a sua nova plumagem de cidadão agora o júnior pode votar. Aos 18 anos êle deve ter-se perguntado o porque de ter que esperar até os 21 anos pelo privilégio de votar. Agora talvez possa ser capaz de ver a razão. O Júnior certamente mudou muito o seu modo de pensar nos últimos anos. De alguma forma, os 18 e 19 anos foram anos revolucionários. Anos de dúvida e desafio. Isto era bom naquela época e fazia parte do crescimento, mas estava longe de ser um período de reflexão e sabedoria.

Na verdade, os ditadores quase sempre procuraram capitalizar o espírito temerário e revolucionário dos rapazes de 18 e 19 anos. Hitler convocou os jovens de seu tempo e comentou: "Olhem para êsses rapazes! Que material! Eu erradicarei dêles os milhares de anos de domesticação humana. Juventude brutal — é o que desejo. Quero ver de nôvo em seus olhos o brilho dos olhos da ave de rapina. Com êsses posso construir um mundo nôvo ... e criar uma nova ordem!"

Freqüentemente, mesmo aos 21 anos encontramos ainda um pouco de espírito revolucionário agitando-se sob a superfície, mas na maioria dos jovens êle terá sido sublimado pela maturidade e a experiência. Dentro de condições normais, um cidadão de 21 anos tem muito mais consciência política do que tinha aos 18. Houve até um rapaz dessa idade que expressou êsse discernimento, comentando: "Agora, meu voto é tão bom como o do presidente".

Maior capacidade de se preocupar

Os psicólogos explicam por que o rapaz de 21 anos é um cidadão mais responsável. Isto se deve a sua capacidade aumentada de se preocupar. Não que o júnior não se preocupasse na adolescência. É claro que sim. Mas suas preocupações naqueles dias versavam principalmente a seu próprio respeito. Agora êle desenvolveu a capacidade de se preocupar com coisas tais como o custo de vida, a inflação, a situação internacional, os direitos civis, o aumento do índice de criminalidade, problemas sindicais, delinqüência juvenil e a dívida nacional.

Uma boa dose de preocupação não é apenas um ingrediente necessário para um bom cidadão, mas a mola propulsora na solução dos problemas comunais. O júnior deve reconhecer o que aconteceria se todos nós nos recusássemos a ser amolados com questões desagradáveis, tais como crime, inflação e a bazófia dos comunistas de que breve hão de conquistar o mundo. Òbviamente, se todos nós recusássemos a ser aborrecidos, esta seria a última geração a viver em liberdade. Eis por que os cientistas políticos afirmam que uma cidadania alerta e preocupada com os interêsses nacionais é a que pode resolver problemas e, portanto, aperfeiçoar continuamente a civilização.

Necessário se faz que o júnior reconheça também o tipo de preocupação que cava sepulturas. A preocupação é um gênero perecível e não deve ser armazenada. Ela precisa ser prontamente transformada em ação construtiva e assim eliminada. Preocupações armazenadas azedam e põe em perigo a boa saúde mental. É êste o tipo de preocupação de que a maioria das pessoas ouve falar, concluindo que tôdas as formas de preocupação precisam ser evitadas. Isto, naturalmente, não é verdade. Queremos que o júnior reconheça a preocupação pelo que ela é — *combustível.* Quando bem utilizada, pode fazer dêle um sucesso, tornando-o melhor cidadão, melhor pai e melhor profissional. Por outro lado, a preocupação é material volátil. Se armazenda, explode.

"Mamãe, como está o meu saldo?"

Quando os pais vêem seu rapaz atingir os 21 anos, esperam sempre tê-lo auxiliado a adquirir os hábitos, atitudes, habilidades e prendas sociais necessários para torná-lo um adulto bem sucedido. Esta é uma hora de avaliação silenciosa e, para alguns pais assim como para alguns moços, uma hora de arrependimento. Mas para muitos pais e filhos será ocasião de grande esperança e orgulho. Alguns rapazes poderão até perguntar, premidos por uma certa necessidade interior: "Mamãe, como está o meu saldo?"

Existem certas coisas que certamente esperamos que nosso filho tenha conseguido aos 21 anos:

Primeiro, por esta época esperamos que o júnior tenha aprendido a diferença entre ter e não ter caráter. O caráter é como a personalidade. Envolve a soma total de um homem. É o desenvolvimento do melhor eu de um ser humano. Lincoln denominou-o "o melhor anjo" de cada um de nós. Quando se diz que um rapaz tem caráter, significa que êle sabe por que luta. Não é um parasita sem fibra e lamuriento, mas uma pessoa amável, sincera, honesta e esforçada, que constitui boa compa-

nhia, bom funcionário, bom marido, bom vizinho e bom soldado.

Segundo, esperamos que nosso filho tenha adquirido grande capacidade de trabalho. Em certas rodas isto talvez esteja fora de moda, mas é gênero popular no mercado de trabalho. Os que, como eu, tiveram de empregar e treinar centenas de jovens durante sua vida profissional incluem a capacidade de trabalhar duro entre as virtudes essenciais a um rapaz de 21 anos que deseja progredir. Não apenas porque produz mais e auxilia a companhia firmar-se no negócio, mas também porque é agradável ter por perto um homem com bom "quociente de trabalho". Essa qualidade se evidencia em sua voz, em seu apêrto de mão, em suas passadas e no envelope de pagamento. Êle está à mão para uma emergência, oferece-se para dar sugestões, aguenta o "tranco" durante o horário regulamentar e, quando necessário, depois dêle. Seu entusiasmo transforma o trabalho em prazer e o "emprêgo" num "cargo". É uma grande conquista fazer com que um rapaz se desenvolva neste tipo de homem.

Terceiro, queremos que nosso rapaz seja honesto. Êle não nasceu honesto. Nem desonesto. Ambas as coisas são aprendidas. Quase tôdas as pessoas normais são honestas quando é conveniente ou proveitoso ser honesto. O verdadeiro teste surge quando é embaraçoso ou temporàriamente desvantajoso ser honesto. Um rapaz aprende de seus pais a manter-se ou não na linha. Se êles contornam as pressões sociais, tanto dentro como fora do lar, com "mentirinhas inocentes", o júnior fará o mesmo. Se enfrentam tôdas as situações sem esconder a verdade, o júnior tem um alvo melhor por que lutar.

O rapaz que é honesto tem um elevado grau de resistência. Êle pode não demonstrar, mas suporta muito mais do que o que tem moral indecisa e mentira fácil. Nós queremos que nosso filho seja rijo. Esperamos que êle saiba que a honestidade é uma atitude e que deve-se tornar hábito. Numa análise final, significa simplesmente que se pode ter confiança nêle: confiança no que diz, confiança no que faz. É precioso o funcionário em quem se pode confiar.

Quarto, queremos que nosso rapaz seja moralmente forte. Isto pode parecer um pouco fora de moda, mas é ainda o melhor alicerce da civilização para um lar feliz e uma sólida vida familiar. A confiança mútua principia a ser construída antes do casamento, quando uma moça sente que um rapaz é moralmente disciplinado e pode manter suas emoções sob contrôle. Isto ajuda-a a ter fé implícita nêle após o casamento. A moralidade é, portanto, uma forma especial de honestidade, que permite a um jovem marido merecer a confiança das pessoas mais importantes em sua vida. Quase todos admiram a integridade, mesmo os menos morais.

Quinto, queremos que nosso filho tenha adquirido espírito estudioso. Êle deve ter cultivado grande inclinação por bons livros. Vivemos no mundo da técnica, um mundo de enorme complexidade cultural. O rapaz que não tenha sêde de saber acabará ficando para trás. Existem milhares de jovens brilhantes que parecem vencidos pelo mundo. Na verdade, esta é a mais favorecida geração da humanidade. Mas apenas os estudiosos saberão disso. Queremos que nosso rapaz vibre com o pulsar da História moderna, nesta hora em que a humanidade se prepara para atirar-se à grande era espacial.

Sexto, o júnior deve ter-se tornado hábil em solucionar problemas. A criança ataca as dificuldades com um acesso de birra. Alguns adultos fazem o mesmo. Queremos que nosso rapaz tenha adquirido uma sólida noção de engenharia humana. Que êle tenha aprendido a atacar um problema 1 — definindo-o claramente, 2 — investigando e estudando até ter escolhido a solução mais prática e 3 — gerando o vapor necessário para levar a cabo a solução. Também queremos que êle tenha aprendido a oração do antigo filósofo, que disse: "Deus, dá-me fôrças para mudar o que precisa ser mudado e paciência para suportar o que deve permanecer como está".

Sétimo, nós não desejaríamos que nosso rapaz tivesse atigido os 21 anos sem adquirir a noção de ter seu lugar no universo. Isto significa uma forte fé religiosa, baseada na verdade. Alguns anos atrás era costume dizer-se que a religião era para os fracos. O tempo tem demonstrado que uma fé religiosa esclarecida é a suprema virtude dos fortes. O rapaz de 21 anos precisa já ter aprendido que é parte de um universo cuidadosamente projetado, governado por um Deus que o ama pessoalmente. Os que dizem que religião é para crianças são em geral os que nunca experimentaram religião *adulta*.

Oitavo, queremos que nosso rapaz tenha ambição. Isto é também, primàriamente, uma atitude ou uma inclinação que os pais podem ajudar a criar. E fomentam isso colocando diante de um rapaz a visão do homem que êle poderá ser um dia. Essa visão não deve ser exagerada, nem subestimar sua capacidade de realização. E não deve estar focalizada muito perto. Na infância o garôto quer ser policial, vaqueiro ou mergulhador. Amadurecendo mais, seus interêsses mudam e também suas ambições. Talvez voltem-se para a Advocacia, Ciência, Medicina, Engenharia, Mecânica, Aviação ou Eletrônica. O que importa é manter viva e acesa sua vontade de subir. Pais que sabem incentivar são o ingrediente único e vital neste processo.

Quando os progenitores consideram isto um problema, podem examinar o caso de Thomas Edison. Em criança, Edison foi expulso da escola por causa de suas ambições. Antes mesmo de saber ler, já queria estudar assuntos de ginásio. Êle foi reputado como incorrigível pelo professor e devolvido a seus preocupados pais. Mesmo em casa essas ambições logo criaram pânico na vizinhança. Finalmente, sua mãe resolveu orientar tôdas essas grandes idéias para canais mais construtivos. Quando Thomas tinha 9 anos de idade, êle e sua mãe já haviam lido página por página o *Declínio e Queda do Império Romano*, de Gibbon's, a *História da Inglaterra*, de Hume, a *História do Mundo*, de Sears, a *Anatomia da Melancolia*, de Burton e o *Dicionário das Ciências*. Foi essa a orientação inicial da carreira de um rapaz cujas invenções mais tarde criaram indústrias no valor de mais de vinte e cinco bilhões de dólares.

Nono, não poderíamos encerrar esta lista sem mencionar apenas mais uma qualidade — o senso de humor. A maioria dos rapazes de 21 anos tem uma inusitada capacidade de humor, mas, como as demais qualidades humanas, ela precisa ser desenvolvida.

Nos dias de sua infância o júnior gostava do "humor do absurdo". Adorava as comédias de pastelão e seus tombos fantásticos.

Mais tarde, tendo já experimentado um pouco a vida, passa a ter pena dos que estão em situação desagradável. Êle raramente ri de pessoas que escorregam ou caem. Identifica seus próprios sentimentos com os da vítima. Seu senso de humor já requer coisas mais sutís. Eleva-se ao nível do "humor de sentido oculto".

Agora, afinal, o júnior deve ter adquirido um tipo de humor rico e adulto. O humor adulto não é ruidoso. Não significa rir para ser ouvido, mas para sentir. Êle brota do íntimo, das profundezas da personalidade humana e reflete riqueza de vida. É o riso do pai que mergulha numa avalanche de abraços de boas-vindas, depois que uma vòzinha delicada grita: "O papai chegou!" É o riso do caçador feliz, quando traz para casa a sua prêsa. O humor adulto é a música do coração — em sintonia com o universo.

Reflexões de um pai

Mas, quer nosso filho tenha conseguido todos êsses qualificativos, ou apenas parte dêles, o que importa é que êle agora está com 21 anos! Parece incrível! Êle cresceu tão depressa. Agora, arrependemo-nos de não ter apreciado mais sua companhia. Talvez no entardecer de um calmo dia de verão passemos em retrospecto o album da família. Êle guarda alguns tesouros para os pais. Quando bebê, seu filho era a coisinha mais linda do mundo. Aos quatro anos era um macaquinho traquinas — correndo por todos os lados. Aos seis a câmera apanhou-o sorrindo orgulhosamente sem os dois dentes da frente. Os 10 anos foram bem seu ano de ouro. E não era já um verdadeiro homenzinho, com seu terno de festa, aos 13? Depois vêm as fotos do ginásio. Vendo-as a gente chega a pensar nos próprios dias de escola. As fotografias do segundo ciclo são também ótimas, mas não tão sentimentais. E sua foto de farda! Que belo soldado! Não admira que as garôtas vivessem caídas por êle. E o engraçado é que êle nem parecia notar. Exceto quando se tratava de Lídia, é claro. Que linda ela ficou vestida de noiva. Êles formam um par maravilhoso...

À medida que os pais rememoram os últimos vinte anos, sentem-se tomados de nostalgia, pelas memórias felizes e o alívio de uma missão cumprida. Reconhecem haver cometido alguns êrros, mas maravilham-se com os resultados, afinal de contas. De uma coisa estão certos — alguns vícios da infância do júnior transformaram-se em virtudes. Recordam-se da preocupação sentida com seus impulsos de destruição — por exemplo quando desmontou o despertador, estragou o rádio e outras peças da casa. Agora, ganha a vida consertando êsses aparelhos. Ou lembram-se de quanto se afligiam porque êle lia demais, mas agora estão orgulhosos de que tivesse recebido a medalha de honra na escola. Mamãe Natureza certamente conhece alguns truques para enganar os pais.

Talvez por isto, criar um rapaz seja tão semelhante ao trabalho caseiro. Apenas quando tudo está pràticamente concluído é que de repente parece ter sido a maior felicidade da vida. E que extraordinário o prêmio dos pais que foram abençoados com um filho realmente esforçado. Isto os faz sentir que valeu a pena. E não podem deixar de asseverar, com a sabedoria dos anos:

"Criar um rapaz é uma sociedade com Deus: como é mais fácil criá-los bem, do que tentar consertá-los depois".

Coisas Ocultas...

(Conclusão da página 9)

fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai; porque tudo quanto êle faz, o Filho o faz igualmente". (João 5:19). "...Nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou". (João 8:28). "Vou para o Pai, porque o Pai é maior do que eu".

Cada um de nós tem razão de dizer: "Meu Pai é maior do que eu". O homem não pode conhecer senão um fragmento do que Deus conhece. Pertence à história da humanidade o fato de que as suas teorias, hipóteses e explanações dos fenômenos que o cercam têm tido que ser mudadas radical e freqüentemente à medida que novos fatos vêm ao seu entendimento. Certamente, isto não humilha o homem na sua abordagem do universal? Quando Deus revela verdades e fatos através dos seus servos, os profetas, revela-os na sua verdadeira relação e harmonia com tôdas as demais verdades. Nisto podemos confiar.

Quão imperativo é que nos tornemos como criancinhas diante de Deus, tal como mandou Jesus Cristo! "...qualquer que não receber o reino de Deus como menino de maneira nenhuma entrará nêle". (Marcos 10:15) Um antigo rei americano, Benjamim, aconselhou o seu povo a vir a Deus numa fé e submissão absolutamente infantís: "Porque o homem natural é inimigo de Deus, tem-no sido desde a queda de Adão e se-lo-á para sempre, a não ser que ceda ao influxo do Espírito Santo, se despoje do homem natural, tornando-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor, chegando a ser como criança, submisso, manso, humilde, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete ao seu pai". (Mosíah, 3:19).

Não pode haver atitude mais sábia para o homem que a de ouvir a advertência e o convite para uma preparação inteligente a ser feita agora para o futuro, tal como foi declarado pelo grande profeta de Deus, Nefi: "Eis que o caminho para o homem é estreito; mas segue em linha reta ante êle; e o guarda do portão é o Santíssimo de Israel; e Êle ali não tem nenhum empregado, e não há alí nenhuma outra passagem a não ser pelo portão; porque Êle não pode ser enganado, pois o seu nome é Senhor Deus.

"E a quem quer que bata, Êle abrirá; e o sábio, o instruído, e os ricos, orgulhosos de seu poder, sabedoria e riquezas — sim, êstes são os que Êle despreza, e a menos que se despojem de tôda estas coisas, considerem-se insensatos diante de Deus e se humilhem profundamente, Êle não lhes abrirá o portão.

"Mas as coisas dos sábios e dos prudentes lhes serão ocultas para sempre, sim, aquela felicidade que está preparada para os santos". (II Nefi 9:41-43).

Os livros emprestados quase nunca retornam ao dono. Mas desta vez, ainda que tardiamente, retornou; e houve uma boa razão para a demora

Prima Laura

Patricia Middleton Faas

Notei a ansiedade na voz de mamãe ao nos chamar do quintal. Quando nós cinco chegamos à porta dos fundos, ela ralhou conosco por brincar na lama perto da bomba. A porta que separava a cozinha da sala estava trancada e nós advinhamos o que ia acontecer. Tomás e Quincas tiveram de ir buscar água e eu comecei a tirar a roupa dos dois menores, Naná e Olívia. Mamãe passou um pano no chão apressadamente para limpar os respingos e Olívia começou a choramingar. Madeixas de cabelo encaracolavam-se no rosto de mamãe, úmidas de suor. Ela lhe disse com impaciência:

"Tio Felipe e a nova espôsa chegaram com um dia de antecedência e estão sentados na sala da frente. E você, doutor, está simplesmente coberto de lama! Tia Mina não conhece meus filhos e eu quero que vocês estejam o melhor possível. A filha dela é da sua idade Célia", disse recuperando o bom humor. Fiquei cheia de animação. Durante semanas tinha imaginado como seria a nova prima. Seria bonita? Teria o cabelo tão comprido e castanho como o meu? E como se sentiria com seus "primos da roça" uma garôta de cidade grande que vem para o interior?

"Como é ela, mamãe?" perguntei. "Laura e tia Mina são mórmons também?"

"Já lhe disse, meu bem, não sei. Tio Felipe não disse. Mas depois de nos conhecermos melhor, saberemos". Ela começou a prender meus cabelos no alto e disse baixo para mim: "Você sabe que bom membro era sua primeira tia, Deus a tenha em bom lugar. Mas não quero que vocês façam perguntas demais, ouviram crianças?"

A grande tina perto do fogão estava cheia e cada um de nós tomou um banho rápido, sem trocar a água. Depois nos enfiamos em nossas roupas engomadas. Em seguida, cinco cabeleiras foram escovadas e penteadas. Com as faces brilhando e o corpo ligeiramente têso, marchamos para a sala. Mamãe seguiu-nos, ajeitando o vestido e as tranças.

A pequena figura de tia Mina sentava-se rìgidamente na cadeira de balanço de mamãe, em frente ao corpanzil escarrapachado de papai. Atrás de sua cadeira postava-se em pé uma adorável garôta, um tantinho mais alta que eu. Suas longas tranças douradas pendiam pelo colo e estavam amarradas com fitas coloridas. Era tão clara como eu era bronzeada.

Tio Felipe sentava-se em uma cadeira de espaldar duro, o chapéu nos joelhos, batendo nervosamente o pé. Ao contemplar nossa pequena procissão, abriu um largo sorriso e nós corremos a abraçá-lo. Tio Felipe não tinha mudado muito. Seu queixo se sobrepassava o colarinho, que o parecia asfixiar e seu bigode ruivo era enrolado nas faces como os chifres do touro de raça de papai. Mamãe apresentou-nos a tia Mina e Laura, por ordem de idade, principiando por mim: "Célia, Joaquim, Tomás, Nair e Olívia". Tia Mina fitou Olívia atentamente. Os olhos dela eram redondos e brilhantes e seus cabelos crespos e castanhos tinham sido escovados até brilhar. Ela escondeu tìmidamente a cabeça na saia de mamãe e a mulher contemplou o resto de nós friamente. Depois apontou com a mão magra.

"Esta é a *minha filha*", disse ela, "sua prima Laura". A garôta sorriu encabulada.

"Sente-se aqui, meu bem", convidou mamãe e colocou uma banqueta de couro diante dela. Após um momento de indecisão, Laura sentou-se na banqueta, pousando os cotovelos nos joelhos.

Papai e tio Felipe haviam empurrado as cadeiras mais para perto da lareira, rindo e conversando ruidosamente. As mulheres tinham que falar mais alto para se compreenderem e eu esticava as orelhas a fim de ouvir as duas conversas ao mesmo tempo. Tia Mina abriu uma bôlsa de renda e retirou dela agulhas de crochê e um novêlo de linha. Mamãe contemplava fascinada as mãos finas, bem manicuradas, de tia Mina movimentando as agulhas. Eu relanceei o olhar para as mãos de mamãe, ocultas nas pregas da saia.

"Você gosta de fazer crochê?" perguntou finalmente tia Mina.

"Não, senhora ... quer dizer, eu adoraria fazer crochê, se tivesse mais tempo. É que não consigo mais costurar por passatempo ùltimamente. Estas crianças me mantêm tão ocupada!" disse ela sorrindo. "E mal damos conta do trabalho da fazenda. Mas dou um jeitinho de costurar um vestido ou uma camisa para êles de vez em quando".

"Mamãe fêz êste 'vestidinho' para mim", disse Naná orgulhosa, segurando a saia dos dois lados, pela barra, enquanto tia Mina o olhava. A voz de tio Filipe invadiu a conversa: "Como é que as colheitas resistiram àquela chuvarada?"

"Há quanto tempo mora neste lugar?" perguntou tia Mina. Após interromper um ruidoso acesso de tosse, mamãe respondeu:

"Meus pais instalaram-se aqui em 1868 e ajudaram a construir a cidade. Isto não passava de um lugarejo quando êles chegaram, disse ela radiante.

"Não muito diferente de hoje!" resmungou a outra.

Prima Laura parecia absorta na conversa de tio Filipe e papai a respeito de gado. Enquanto ouvia, seus olhos se arregalavam de interêsse.

"Eu nunca vi uma vaca que desse leite, mamãe", disse baixinho. Meu queixo caiu e mamãe sorriu para ela afetuosamente. Olívia olhou atônita para Laura.

"Quer dizer que você nunca viu uma *vaca leiteira?*" e encarava Laura espantada. Isto abriu uma brecha para mim. "Laura", implorei, "você quer ver a nossa vaca? O nome dela é Lady". Olívia reteve o folêgo com entusiasmo.

"Lady vai ter um bezerrinho logo e papai me deixou pôr o nome nêle!"

"Que nome você vai pôr no bezerrinho?" perguntou Laura. Olívia meditou um pouco, pois na verdade ainda não tinha decidido qual seria o nome. Aí seus olhos se arregalaram ao anunciar: "*Laura!*" E sorriu satisfeita.

Naná riu alto e eu abafei uma risada com a mão. Olívia, orgulhosa do resultado, juntou-se a nós. Mamãe sacudiu a cabeça, mas havia um ar divertido em seus olhos. Tia Mina ficou aborrecida, mas não me importava. Tinha que rir até não mais poder, pois quanto mais via seu rosto estreito e os movimentos rápidos de suas pequenas mãos, mais impossível me era reprimir o riso que parecia borbulhar dentro de mim. Papai virou-se e lançou-nos um olhar penetrante.

Ficamos quietos imediatamente; e mamãe, notando nosso embaraço, sugeriu que convidássemos Laura para ir ver nosso quarto, enquanto ela conversava com tia Mina. Nós ficamos felizes com a solução — livrar-nos daquelas roupas incômodas e sapatos apertados.

Eu emprestei a Laura um vestido e pendurei o dela cuidadosamente num cabide, com suas inúmeras camadas de babados e gracioso corpinho de renda. Depois, todos nós tiramos os sapatos e meias e deixamos de nôvo livres os dedos dos pés.

Enquanto mostrávamos à prima alguns de nossos pertences, abri uma gaveta do criado-mudo e ela viu o Livro de Mórmon. Quando me perguntou o que era, expliquei que êsse livro era como a Bíblia. Mostrei-lhe a assinatura do Presidente da Igreja, que o havia autografado quando visitara nossa missão. Era meu maior tesouro e eu contei como Joseph Smith se tornara Profeta de Deus, da mesma maneira que os profetas dos tempos antigos. Depois guardei o livro na gaveta.

No quintal, Laura caminhava para cima e para baixo no chão frio, olhando muitas vêzes para os pés espantada, como se os visse bem pouco. Nós seis nos sentamos em círculo fazendo perguntas. Questionamos Laura a respeito de sua casa e de sua vida na cidade grande. Ela ía em geral ao teatro com os pais e freqüentava uma escola "particular" apenas para meninas. Laura parecia ter uma vida fascinante, repleta de atividades divertidas, amigos interessantes, aulas de piano e dança. Nós a pressionamos para contar-nos mais, mas ela mudou de assunto, pedindo para ver os animais. Levamo-la numa excursão por tôda a nossa pequena fazenda. Ela viu uma "vaca de verdade", e Lady forneceu um canecão cheio de leite quentinho e espumoso.

Nós mostramos a Laura a velha porca com seus porquinhos e ela tentou imitar seus guinchos. Depois foi à gaiola dos coelhos, onde acariciou delicadamente os animaizinhos, alisando suas orelhas macias e rosadas. Brincou com a ninhada de gatinhos que a velha gata havia deixado no caixote de milho e deu nozes a Oscar, nosso esquilo domesticado, que logo fêz amizade com Laura.

Tomás e Quincas convidaram-na para ir ao depósito de madeira ver a cobra inofensiva que haviam apanhado. Quando ela viu Quincas enrolar a amistosa serpente no braço e acariciar sua cabeça, gritou e até chorou um pouco.

A última etapa foi o galinheiro, onde todos os frangos correram para a cêrca, a espera de um punhado de milho. Laura enfiou o dedo através da cêrca e um pintinho beliscou-o. Tomás trouxe uma panela de milho e deixou Laura dá-lo aos frangos. Ela riu de contentamento e parou na porta do galinheiro, chamando gentilmente os frangos, enquanto lhes jogava punhados de milho.

"Sei onde há uvas docinhas", disse Quincas e nos lembramos da parreira. "É lá no pé daquele morro, depois da cêrca". disse êle apontando para uma porteira mais adiante. Laura não se animou.

"Temos que passar por baixo de uma cêrca de arame farpado", advertiu Olívia, "e Tomás encontrou uma cascavél lá, no ano passado!" A expressão de Laura mudou.

"Fique quieta, Olívia!" advertiu Quincas. "Você sabe que ela já estava morta quando foi encontrada!" Enquanto Quincas procurava tranqüilizar Laura, explicando que as cobras têm mêdo de gente, começamos a nos dirigir para a porteira.

"Vamos apostar corrida até a parreira e o primeiro que pisar em alguma coisa é um boboca", gritou Naná, deixando as palavras atrás de si. O resto de nós saiu gritando através do galinheiro. Laura ficou para trás, pisando com cuidado. Eu esperei por ela no fim do quintal e levantei o arame para ela passar por baixo da cêrca.

A parreira estava carregadinha de uvas maduras e nós subimos no pé, apanhando o que podíamos e enchendo os bolsos. Íamos andando e comendo e parando aqui e ali para balançar nos galhos mais baixos. Depois, sentamo-nos todos para descansar na beira do riacho e contamos histórias de assombração, olhando de vez em quando por cima do ombro, ressabiados. Quando o sol começou a cair, resolvemos voltar para casa a fim de dar de comer aos porcos e recolher os ovos antes do jantar. Laura tinha pedido para ajudar a recolher os ovos e Quincas e Tomás atenciosamente os colocavam na sua saia, que ela segurava firmemente pelas pontas.

Ao chegar ao quintal, sentimos cheiro de biscoitos e galinha assada. Estávamos bem cansados e satisfeitos por ficar em silêncio ao redor da mesa do jantar, ouvindo nossos pais conversarem animadamente com os convidados. Tia Mina sentava-se ao lado de Laura. Depois da bênção da comida, ela cheirou a filha inquiridoramente. "Laura", disse baixinho, "vá olhar a sola dos pés. Acho que você pisou em alguma coisa".

Tia Mina parecia ter abrandado um pouco e durante o jantar comeu quatro biscoitos amanteigados. Estava agora sorrindo e até serviu-se uma segunda vez de bôlo de amora. Depois, ofereceu-se polidamente para ajudar a lavar os pratos, o que mamãe naturalmente recusou; mas tia Mina insistiu em ajudar a tirar a mesa. (A culinária de mamãe certamente operava maravilhas nas pessoas!)

Antes de deitar-se, naquela noite, papai convidou os hospedes a se ajoelharem conosco em oração. Papai pediu a tio Filipe para que fizesse a prece. Deve ter sido um fato memorável para tio Filipe, pois mais do que provàvelmente esta era a primeira vez que se ajoelhava para orar com sua nova espôsa e filha. Sua voz estava cheia de emoção. Nas noites seguintes, depois da oração, Laura e eu tirávamos o Livro de Mórmon da gaveta de meu criado-mudo e eu lhe contava histórias dêle. Laura e sua família permaneceram conosco uma semana e então eu já estava começando a achar que minha tia Mina não era má pessoa. Apenas levava algum tempo para se conhecer alguns adultos.

Chegou a hora de dizer adeus a nossa prima e a seus pais. Naquela manhã, após o lanche, nós crianças parecíamos indiferentes, enquanto nos sentávamos pelos cantos olhando uns para os outros. Após algum tempo, Olívia foi para perto de Laura.

"Tome meu vidro de vagalumes, é seu", disse ela enfiando-o em suas mãos. Havia buracos na tampa. "Ponha no seu quarto à noite para ver as lanterninhas piscar".

Naná correu lá fora, batendo a porta atrás de si, e voltou logo depois, sem fôlego, segurando um ramo de flor de macieira silvestre. "Eu apanhei para você. Ponha no cabelo se quiser". Laura enfiou o nariz no ramalhete de botões rosados.

Tomás lhe ofereceu três de suas bolinhas de gude mais brilhantes e Quincas vasculhou os bolsos até encontrar o estilingue e alguns tocos de madeira. Tudo isso foi acrescentado às lembranças de Laura.

Tomei a prima pela mão e levei-a para nosso quarto. Na mesa perto da cama, espalhei todos os meus tesouros, meu desenho mais bonito, colocado sôbre papelão, o pequeno moinho de vento azul que papai havia-me dado, uma mecha de meus cabelos quando bebê, meu primeiro jôgo de chícara e pires, o pequeno chinelo de vidro que havia ganho na quermesse e a boneca porta-alfinetes que fôra de vovó.

"Laura", falei, procurando conter o entusiasmo, "pode escolher para você qualquer coisa desta mesa. Qual você quer?" Eu esperei que ela escolhesse sua lembrança durante um longo momento, de respiração suspensa. Laura examinou tôdas as coisas com cuidado, hesitando diante de cada uma. Depois estendeu a mão para o puxador da gaveta e abriu-a devagar. Eu retive o fôlego. "Meu Livro de Mórmon?"

"Não, não para ficar", assegurou ela. "Pode apenas me emprestar um pouco? Prometo cuidar bem dêle".

"Bom...nesse caso", disse eu, escondendo o desapontamento. "Está bem, leve-o. Afinal, êle também está na mesa!" Nós duas demos risada, apesar de eu duvidar sèriamente que jamais voltasse a ver aquêle livro.

Durante todos os anos que transcorreram entre nossos encontros ocasionais de verão, eu aguardava pacientemente cartas de Laura, procurando-as na caixa do correio. Muitas noites eu gastava a lamparina até tarde, relatando a ela por carta, tôdas as minhas esperanças e sonhos. E ela também partilhava as suas comigo. Laura havia influenciado sua mãe e tia Mina a seguira no batismo.

Os dias e anos se escoaram depressa de permeio a nossas cartas e chegou o dia do casamento de Laura. Ela ia desposar um excelente rapaz no templo. Eu também estava lá com meu marido para servir de testemunha. Laura era o retrato da felicidade ao me abraçar apertado.

"Célia, espero que você me perdoe por não devolver seu livro. Tenho estado tão ocupada que esquecí-me de trazê-lo. Mas o entregarei a você algum dia, prometo".

"Ora, deixe disso! Na verdade eu não tenho precisado dêle!"

O marido de Laura levou-a para morar numa fazenda no interior. Ao me recordar afetuosamente da forma com que ela havia-se apegado aos animais da fazenda, concluí que minha prima pertencia ao campo. Laura deu-lhe sete lindos filhos — seis rapagões e uma adorável menina. Pouco depois do nascimento do último, seu marido faleceu vítima de um acidente com um trator. Ela interrompeu sua tristeza para despedir-se do filho mais velho que partia em missão.

Nos anos seguintes, sua irmã e irmãos mais novos seguiram suas pegadas, todos sustentados pela laboriosa mãe e pelos irmãos que ficavam na fazenda. Laura viu três de seus filhos casados e segurou o primeiro neto nos braços. Depois juntou-se a seu marido no mundo espiritual.

Algum tempo após o funeral, a filha de Laura veio visitar-me. Ela me abraçou afetuosamente e colocou um pacote em minhas mãos. Estava atado com uma fita.

"Célia, mamãe queria que isto fôsse entregue a você". Laura havia-me dado pequenos presentes através dos anos, mas o que me teria reservado agora minha atenciosa amiga — neste último símbolo de amor? Esperei até estar só em meu quarto para desembrulhá-lo.

O livro estava terrìvelmente usado, quase sem capa, algumas páginas rasgadas. Eu o abri e fiz o dedo percorrer a apagada assinatura da primeira página. E comecei a explorar seu interior, cujas margens estavam repletas de anotações. Contemplei-o por um longo tempo, até que minha vista ficou turva e o livro como que se liquefez em minha mão. Sete fiéis missionários haviam pregado para centenas de almas com aquêle livro, alcançando a conversão de inúmeras almas — missionários que partilharam o evangelho do amor: os ensinamentos de sua mãe querida. Uma dádiva inestimável.

"O seu filho me dá gorjetas muito mais generosas que o senhor", disse o motorista de taxi.
"É bem possível. Êle tem um pai rico, eu não!"

Bispado Presidente

"Está

O bispo Evans recebeu um verdadeiro choque, mas resistiu ao impulso de se curvar e cochichar com seu conselheiro. Êles estavam sentados na plataforma do púlpito; a reunião sacramental fluía harmoniosamente, conforme planejado.

O bispo orgulhava-se de ser bem organizado, de ser um hábil administrador. "Quando não tenho certeza de alguma coisa, está sempre bem ali, no manual", costumava dizer. Sempre se aplicara com dedicação a todos os seus cargos na Igreja. Quando era líder dos escoteiros, ficara orgulhosíssimo ao ver sua tropa ganhar os maiores prêmios na sua côrte de honra. Mas êle não tinha feito tudo sòzinho; era porque havia lido bem o manual e treinado cuidadosamente seus hábeis assistentes. O mesmo acontecera quando êle se tornara superintendente da AMM: logo no segundo ano fêz com que mais rapazes de sua ala conseguissem tornar-se Cavalheiros que os do resto da estaca juntos. Êle havia até sido convidado a falar no banquete de entrega de prêmios e fôra muito sincero ao dar todo o crédito desta extraordinária realização a seus oficiais e professôres. Era um tributo abnegado e de bom gôsto. Mas todo o mundo sabia que por trás dessas conquistas estavam suas florescentes habilidades de administrador inspirado.

Êle foi a escolha lógica quando um nôvo bispo se fêz necessário. Aplicou-se mais que nunca a êsse nôvo chamado e, após um ano de duros esforços, começou a ficar satisfeito com a maioria de suas ovelhas e programas. Mas um pouco antes da reunião sacramental, nesse domingo, fôra bruscamente arrancado dêsse plácido contentamento.

O secretário da estaca telefonara para informar que havia recebido seu relatório de jejum, mas não estava assinado. "Ora, estou certo de que o assinei", respondeu o bispo, "mas talvez o tenha confundido com algum outro relatório". O secretário disse que passaria pela ala antes da reunião sacramental e o bispo se achava em seu escritório aguardando, quando êle chegou. Porém, ao ser colocado a sua frente o relatório sem assinatura, o bispo Evans sorriu e fitou o secretário.

"Mas, irmão Clark, não é o **meu** relatório que não está assinado. Êste aqui é o do bispo Hardy". Depois seus olhos caíram sôbre o total registrado. Êle piscou e olhou novamente.

"Mas espere um pouco. Não posso acreditar que tudo isto seja oferta de jejum. É quase o triplo do que nós recolhemos aqui! Acho que o bispo Hardy reuniu ofertas de vários meses".

"Não", disse o secretário, "a ala do bispo Hardy vem recolhendo sempre uma quantia semelhante, ùltimamente. Êle está muito satisfeito por ver como seus membros têm correspondido ao incentivo de jejuarem corretamente e fazerem suas contribuições. Talvez seja êste o motivo. Mas êle tem também tentado algo nôvo no que diz respeito à coleta das ofertas".

"Algo nôvo?" Mas o bispo não teve tempo de continuar ouvindo. Era hora de ir para a capela abrir a reunião sacramental.

Algumas noites mais tarde o bispo Evans e seu segundo conselheiro entraram no escritório do bispo Hardy e sentaram-se em frente a sua mesa. Como sempre, houve uma agradável troca de cumprimentos a respeito das duas alas vizinhas. Mas finalmente o bispo Evans curvou-se para a frente, demonstrando uma leve preocupação enquanto falava:

"Bispo Hardy, eu lhe pedi que nos reservasse um tempinho, por uma única razão. Domingo passado ví acidentalmente seu relatório de ofertas de jejum. E contei aqui ao irmão Tanner o montante registrado. Nenhum de nós pôde compreender como êle é tão mais elevado que o nosso, especialmente se considerarmos que nossa ala tem cêrca de vinte famílias mais que a sua. Portanto, depois de analisar o assunto, sugeri que o procurássemos e perguntássemos o que **vocês têm feito** que nós aparentemente não temos. Gostaríamos muitíssimo de saber".

O bispo Hardy não pôde deixar de admirar o homem que tinha diante de si. Êle possuía grandeza de alma, pois estava ali francamente pedindo conselho. Era inspirador vê-lo demonstrar tanta preocupação. E atendeu ao pedido entusiasmado.

"Bom, acho que eu costumava tomar o jejum como algo certo. Não parecia ser uma dessas coisas pelas quais temos de puxar. Mas o irmão talvez se recorde de que a Igreja estimulou-nos uns dois anos atrás a auxiliar todos os membros a compreenderem o exato significado do jejum e suas ofertas, através de um programa. Se bem me recordo, chamaram-no "A Lei do Jejum".

Êle notou que recebia tôda a atenção dos dois homens que o fitavam e prosseguiu:

"Eu achava que havíamos realizado bem o trabalho de transmitir essa mensagem. Fizemos a apresentação com cartazes para nossa liderança, dedicamos uma reunião sacramental inteira ao assunto e até enviamos uma aos membros.

"Na verdade, o interêsse pelo jejum e suas ofertas **pareceu** ter aumentado. Mas apenas por pouco tempo. Um exame de nossos registros demonstrou que em breve voltávamos ao ponto de partida". Sorriu e fitou os dois. "Mais ou menos

Bem aí, no Manual!"

onde vocês se acham agora, imagino, se é que estão coletando um têrço do que nós recolhemos. Mas foi isso o que aconteceu: tentamos algo nôvo e triplicou-se nosso montante toltal".

"E o que é êsse "algo nôvo"?

"Primeiramente, deixem-me contar-lhes o que me levou a tentá-lo. Após todo aquêle esfôrço apresentando o programa "A Lei do Jejum" e vendo as ofertas crescerem para depois voltar a cair, tornei-me cônscio de que meus membros tinham condições de realizar muito mais do que estavam fazendo, no que se refere ao jejum".

Êle curvou-se para a frente, na cadeira, ainda olhando de um para outro.

"Em nosso último acêrto de dízimo vi quanto cada família havia pago como oferta de jejum. Fiquei mais que surprêso! Algumas das famílias mais ativas apresentavam um registro baixíssimo, tendo pago apenas uns três ou quatro dólares para o ano inteiro. Fiquei surprêso e não procurei escondê-lo". Parou para dar ênfase. "Perguntei a êsses membros — dizimistas integrais — por que contribuíam com tão pouco para o fundo de jejum. Quase em todos os casos obtive a mesma franca resposta: êles viviam se esquecendo de incluir a oferta no envelope de dízimo — quase nunca estavam em casa quando os diáconos passavam para recolher as ofertas de jejum — tinham a intenção de pagá-la, mas nunca o conseguiam.

"Finalmente, reuni todos os que estavam envolvidos com o trabalho de recolhimento das ofertas: meu segundo conselheiro, o secretário, o secretário geral do Sacerdócio Aarônico — Jovens e nossos dois presidentes dos diáconos, juntamente com os supervisores. Tivemos uma verdadeira reunião; examinamos cada nome da ala. Descobri, para minha mortificação, que muitas famílias não recebiam envelopes. Elas haviam dito aos diáconos que incluiriam as ofertas de jejum no pagamento do dízimo. No entanto, essas eram as mesmas famílias que acabavam quase sem contribuição no fim do ano.

"Não era uma questão de as pessoas não desejarem pagar, ou não saberem quanto pagar. Parece que era uma deficiência em nosso sistema de recolhimento. Enviáramos envelopes a alguns, mas a outros não. Se ninguém estava em casa, não havia um contrôle para se voltar a procurá-los, não se fazia nenhuma tentativa de dar-lhes outra oportunidade. Como conseqüência, chegamos à conclusão de que estávamos recolhendo apenas ofertas de parte dos membros, e em parte do tempo. Foi quando decidimos que além de abordar o assunto do púlpito, expondo os benefícios espirituais de se jejuar e auxiliar os pobres através das ofertas, teríamos que arranjar um nôvo sistema de coleta por envelope, que desse a todos a oportunidade de participar e usufruir dessas bênçãos.

"Primeiramente, estabelecemos o sábado anterior ao domingo de jejum como o dia para os diáconos irem de porta em porta recolhendo as ofertas. Depois, preparamos um envelope para cada família e pedimos às que não queriam contribuir por envelope para que nos permitissem, ainda assim, enviar os diáconos a sua porta, como um **lembrete de que o dia seguinte seria o domingo de jejum**. Depois reunimos todos os diáconos na capela e lhes entregamos os envelopes de maneira organizada. Insistimos em que fôssem aos pares, exatamente como os missionários. Êles gostaram disso; fazia-os sentir a sua importância.

"A seguir estabelecemos algumas regras bem severas para os diáconos: Não deixem os envelopes na caixa do correio; não os enfiem debaixo das portas; não os deixem com os membros; não visitem as casas sòzinhos. Insistimos em que devolvessem os envelopes ao secretário no mesmo dia. Sob nenhuma circunstâncias os diáconos tinham permissão de retê-los até o dia seguinte. E começamos a contar as quantias dos envelopes na presença de cada par de diáconos.

"Mas ainda tínhamos o problema de estabelecer um contato seguro com as famílias que não estivessem em casa quando os diáconos passassem. Portanto, como parte de nosso nôvo programa, principiamos a utilizar o Sacerdócio Aarônico — Adultos". Êle fêz uma pausa para ver se havia surpreendido o outro bispo. Havia.

"Sim, designamos os irmãos adultos para servir de motoristas e levar os jovens diáconos a essas casas mais tarde, à noite, quando em geral se pode estar certo de encontrar alguém. E o sucesso foi total! Não apenas isso, foi maravilhoso! Não podíamos ficar mais satisfeitos com a forma pela qual êsses irmãos mais velhos dedicaram-se à coisa. Êles até ficavam esperando aquêle dia, para pôr mãos à obra e auxiliar. Foi como conseqüência dêsse trabalho que triplicamos nossas ofertas de jejum. Porém o segrêdo do sucesso, naturalmente, estava em principiar o programa quando o fizemos".

"Mas êsse nôvo programa, com tôdas as regras e procedimentos, onde os encontrou?"

"Encontrou?" sorriu o bispo Hardy abertamente. "Ora, acreditaria o senhor, bispo, que o descobrimos bem ali no manual do Sacerdócio Aarônico — Jovens? Estava bem ali, no manual! E, seguindo essas sugestões, os membros de nossa ala receberam fortalecimento espiritual, que é o maior benefício de todos".

O Espírito de Elias

Uma pergunta que ocorre com muita freqüência diz respeito ao aparecimento de Elias ao profeta Joseph Smith no templo de Kirtland em 1836. A pergunta tem origem na declaração feita ao profeta por Moroni, citando as palavras de Malaquias ao profeta:

"E novamente citou o quinto versículo assim: "Eis que Eu vos revelarei o Sacerdócio pela mão do profeta Elias antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor... E êle plantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais e os corações dos filhos voltarão aos pais; se assim não fôr, tôda a terra seria totalmente destruída na Sua vinda". (PGV, Joseph Smith 2:38-39).

A pergunta é então, "quais são as promessas feitas aos pais, que fariam voltar para êles os corações dos filhos?" Das palavras de Moroni depreende-se que nossos pais receberam do Senhor certas promessas e bênçãos, que não eram apenas promessas eternas feitas a êles, mas também a sua posteridade. Desde os dias de nosso pai Adão até o dilúvio, no tempo de Noé, havia uma forma de govêrno na terra conhecida como a ordem patriarcal. Nessa ordem, o pai era o líder espiritual de sua própria família e o cabeça de tôdas as que se originassem através de seus filhos. Era também o governante da família. Tinha a incumbência de guiar e abençoar seus filhos, orientá-los na retidão e a grave responsabilidade de ensinar obediência à lei divina a sua família, familiarizando-a com Deus, o Pai Eterno. Observe-se estas declarações a respeito do Pai Adão e desta ordem do sacerdócio:

"E Adão e Eva abençoaram o nome de Deus e fizeram saber tôdas as coisas a seus filhos e suas filhas". (PGV, Moisés 5:12).

E mais,

"Adão escutou a voz de Deus e exortou seus filhos a que se arrependessem". (PGV, Moisés 6:1).

Neste mesmo capítulo lemos que os homens escreviam um livro de lembranças, através do espírito de inspiração:

"E por êles seus filhos foram ensinados a ler e a escrever, possuindo uma linguagem que era pura e incorrupta. Ora, êsse mesmo sacerdócio que existiu no princípio existirá também no fim do mundo". (PGV, Moisés 6:6-7).

Doutrina e Convênios relata-nos que Adão reuniu os membros justos de sua família num grande conselho, no vale de Adam-ondi-Ahman, e abençoou-os, e profetizou o que lhes sobreviria nos últimos dias. Isto aconteceu logo antes de sua morte. (D. & C. 107:53-57). Podemos agora concluir que êste mesmo procedimento foi seguido por todos os justos que viveram desde Adão até Noé. Êles seguiram o padrão divino dado pelo Senhor a seu pai Adão e, portanto, cada um por seu turno tornou-se patriarca e presidiu sôbre sua posteridade com eqüidade e justiça. Esta ordem das coisas, da forma com que foi proclamada pelo Senhor ao Pai Adão, será também a ordem do sacerdócio no final do mundo. O Senhor fêz grandes e nobres promessas a nossos pais naquele dia, particularmente com respeito à vida eterna e à perpetuação das relações familiares.

Nos dias de Abraão, a linhagem e as relações patriarcais haviam tôdas sido esquecidas pelos iníquos. Satanás veio entre os filhos dos homens e ensinou-os a descrer de que essas coisas que lhes haviam sido ensinadas fôssem verdadeiras e a escritura diz que êles não creram mais. Tornaram-se carnais, sensuais e diabólicos. Abraão afirma que descobriu essa antiga ordem relativa ao direito dos patriarcas e às bênçãos do sacerdócio patriarcal por causa dos registros dos pais que o Senhor havia preservado em suas próprias mãos. (Vide PGV Abraão 1:31).

"E, achando que havia maior felicidade e paz e descanso para mim, busquei as bênçãos dos patriarcas e o direito pelo qual eu deveria ser ordenado para administrá-las; e tendo eu mesmo sido seguidor da retidão, desejando ser também possuidor de grande conhecimento, e ser maior seguidor da justiça, e possuir maior conhecimento, e ser pai de muitas nações, um príncipe da paz, e desejando receber instruções e guardar os mandamentos de Deus, cheguei a ser herdeiro legítimo, sumo-sacerdote, com o direito que pertencia aos patriarcas. Isto me foi conferido pelos patriarcas; descendeu dos patriarcas desde o comêço do tempo, sim, mesmo desde o princípio, ou antes da fundação da terra até o presente tempo, até mesmo o direito do primogênito, sôbre o primeiro homem, que é Adão, nosso primeiro pai; e por meio dos patriarcas até mim. Procurei minha designação para o Sacerdócio, de acôrdo com a designação de Deus aos patriarcas concernente à semente". (Abraão 1:2-4).

Nessa declaração está claramente exposto que Deus prometeu aos pais algo que diz respeito a sua semente, ou aos filhos que haveriam de vir através da sua linhagem. A Abraão, que pela fé recebera a promessa, o Senhor disse:

"E estabelecerei o meu concêrto entre mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações,

(Conclui na página 30)

JUVENTUDE DA PROMESSA

Absorvamos Nossos Jovens

Nunca pensaríamos em entregar nosso corpo nas mãos de médicos ou cirurgiões incompetentes e mal treinados. Nosso bem-estar espiritual não é ainda mais importante?

Um grande escultor, um artista famoso, ou qualquer artesão em qualquer ramo torna-se competente apenas após muito esfôrço e preparo. Não devem ter igual treinamento e oportunidade de aprender fazendo aquêles que foram escolhidos para moldar a vida do homem?

Absorvamos nossos jovens em tôdas as atividades da Igreja que os preparem adequadamente para qualquer cargo ou responsabilidade que lhes possa ser entregue. Façamos que assumam posições importantes no planejamento de reuniões como conferências, festivais de oratória, música, dança e teatro e outros programas culturais, sociais ou atléticos. Respeitemos suas opiniões. Incentivemos sugestões. Façamo-los saber que apreciamos suas idéias. Não esperemos perfeição imediata, mas almejemos um progresso gradual, enquanto cada oportunidade que lhes é concedida os torna mais capazes de aceitar encargos maiores.

Dirijamos debates entre os jovens para conhecer suas opiniões a respeito dos programas para êles preparados. Evitemos parcialidade. Desencorajemos a formação de "panelinhas". Devemos dar a todos oportunidade de progredir, para que seus talentos possam ser desenvolvidos.

Espiritualidade e Reverência na AMM

Adoramos de muitas maneiras! A AMM também é dedicada ao Senhor".

Certas pessoas são conhecidas por sua espiritualidade e sintonia com as coisas espirituais e eternas. Nem todos são igualmente suscetíveis às coisas espirituais. "Um dos maiores dotes que um mortal pode receber é o dom da espiritualidade, o talento e a capacidade de reconhecer e apegar-se à verdade" (Bruce McConkie). O indivíduo que tem espiritualidade procura viver próximo a nosso Pai dos Céus, a fim de usufruir freqüentes manifestações do Espírito Santo. Êsses indivíduos são chamados a posições de liderança e responsabilidade e seu trabalho é grandemente apreciado.

Nossos jovens têm a necessidade básica de ser apreciados pelos outros, assim como de possuir grande dose de auto-estima. O presidente David O. McKay, dirigindo-se a êles afirmou que a espiritualidade adquirida através de se viver diàriamente os princípios do evangelho trará à tona o "melhor" de sua natureza e êles serão ativos, interessantes, felizes, confiantes, entusiastas e alegres que as pessoas sentirão prazer em sua companhia. Êle promete também que "os rapazes terão melhor aspecto e as moças mais beleza. Sua aparência poderá não ser a mais bela, mas se merecerem o Espírito de Deus e o companheirismo do Espírito Santo, parecerão mais bonitos". É verdade que algumas pessoas comuns podem tornar-se notàvelmente belas devido ao efeito de uma irradiante espiritualidade. O refinamento e o valor são qualidades que advêm aos que vivem o evangelho de acôrdo com seu melhor conhecimento. Grandes qualidades espirituais aumentam o encanto e a tranqüilidade das atitudes. Quanto mais profunda e sinceramente alguém tiver fé em Deus e desenvolver espiritualidade, maior será seu valor pessoal, que abrilhantará a personalidade. As pessoas dotadas de espiritualidade possuem um poder fàcilmente perceptível. É importante que nossa juventude adquira essa qualidade recebendo ensinamento sôbre as verdades básicas do evangelho. Se alguém se desenvolver espiritualmente, tem também maior reverência por coisas tais como a vida, a humanidade, a beleza e Deus. O sentimento de reverência não vem de um momento para outro, mas é adquirido por contágio. Uma de nossas maiores oportunidades como líderes é desenvolver e empregar os grandes podêres da espiritualidade e da reverência em nossa personalidade, para que possamos inspirar e motivar outras pessoas a desenvolver fortaleza espiritual.

A AMM é um excelente lugar para se praticar aquilo que motiva a reverência.

Desde a morte da espôsa êle estava tendo dificuldades em se adaptar à nova vida; e a atitude arredia e ressentida da filha preocupava-o muito.

Mãe de Família

Bonnie Muirbrook

WILFORD! MARY JANE! PAREM JÁ COM ISSO!

Ela bem que já tinha o bastante que fazer, cuidando da casa para uma família de cinco, sem ter de parar a cada minuto para apartar uma briga.

Voltando ao trabalho, Clarissa continuou a pensar. Apenas quinze anos e já responsável pelo bem-estar de uma família inteira! Estava constantemente cozinhando, lavando, remendando ou limpando, sem parar, até não haver tempo para nada que ela realmente apreciasse fazer. A vida lhe havia pregado uma peça, pensou. Outras garôtas de sua idade não precisavam se preocupar em fazer a farinha de trigo durar até que papai pudesse dispensar John algumas horas para levar a carroça até o moinho e trazer mais, ou remendar os macacões velhos de Wilford até haver dinheiro para comprar outros. Não era justo!

Como é que Deus decidia quem devia viver e quem devia morrer? Por que, entre tantos que haviam sido atacados pela febre, mamãe teve de partir? Mamãe que cuidava de tudo com tanta facilidade e executava fàcilmente essas pequenas coisas que não parecem difíceis até que você tem de fazê-las sòzinha.

Enquanto atacava inflexìvelmente seu trabalho, Clarissa ergueu a vista para contemplar o sol da manhã jorrando sôbre o vale, fazendo brilhar a pequena aldeia pioneira. O rio corria borbulhante para os campos, como que ansiosos por auxiliar os brotos verdes a se desenvolverem. Papai e John estavam puxando a velha Nell no arado, lá na extremidade do campo, a última parte a ser plantada. Mary Jane e Wilford, brincavam pacìficamente sob as árvores.

Alguns meses atrás êsse quadro aprazível a teria enchido de amor pela vida. Antes de mamãe morrer tudo parecia perfeito. Sonhadoramente recordou aquêles dias felizes. Havia muito trabalho, mas mamãe estava ali para dirigir.

A casa da família Johnson era a mais próxima e Maggie tinha a sua idade. Juntas haviam explorado os domínios da infância, desde brincar de boneca até ser heroínas de uma emboscada de índios. A amizade das duas aumentara enquanto caminhavam de mãos dadas na primeira adolescência. Relembrar aquêles bons tempos fazia o presente parecer ainda mais pesado. Maggie agora voltara para o leste e não enfrentava mais as adversidades da vida dos pioneiros.

Clarissa foi despertada de suas divagações pela vozinha exigente de Wilford: "Sissy, estou com fome! Não é hora de comer?"

Esta pergunta tornou-a logo consciente de que em breve papai e John voltariam do campo. Enquanto preparava o almôço, fervia de ressentimento.

Saudou quase friamente o pai e o irmão que se lavavam na tina do alpendre. Durante tôda a refeição permaneceu irritada e deprimida, agravando os problemas de seu pai. William Thomas estava tendo dificuldade em adaptar-se à nova vida sem sua espôsa e a atitude sùbitamente ressentida e arredia de sua filha mais velha preocupava-o muito. Desde a morte de Rachel êle temera que a nova responsabilidade fôsse demais para Clarissa e tentara tornar as coisas o mais fácil possível.

Clarissa falou rìspidamente que precisava de mais farinha se quisessem que ela continuasse a preparar as refeições.

"John, atrele Nell à carroça e traga um pouco de farinha do moinho".

"E o arado?" perguntou John.

"Eu trabalhairei nos canais enquanto você estiver fora e depois que voltar acabo de arar", respondeu seu pai cansadamente.

Um sentimento de culpa fêz Clarissa voltar-se. Era a época em que a terra precisava ser arada e papai necessitava da ajuda de John. Ela podia dar um jeito — ora, pouco se lhe dava, ninguém se preocupava com os seus problemas.

"Clarissa, você precisa preparar a roupa das crianças para a aula amanhã".

"Sim", pensou Clarissa, "Eu nunca faço o que quero, mas o que preciso".

Seu ressentimento recrudeceu ao pensar em todo o trabalho que a esperava, para preparar as crianças para o dia seguinte. Insistindo com Mary Jane e Wilford para que lavassem os pratos, aqueceu o ferro de engomar no fôrno e passou o melhor vestido de Mary Jane. Depois vieram as "outras" calças de Wilford, uma camisa branca para papai e outra para John e depois seu próprio vestido já muito usado.

Por êsse tempo Wilford e Mary Jane já haviam acabado de lavar os pratos.

"Vamos apanhar amora, Sissy", pediu Wilford.

"Assim pode fazer um torta para o jantar", completou Mary Jane.

"Imaginem se eu posso largar tudo o que tenho para fazer sem mais aquela; além do mais, vocês ainda não regaram a horta, como prometeram. Apanhem os baldes e vamos com isso", retorquiu Clarissa azeda.

Desapontadas as crianças tiraram os baldes dos ganchos perto da porta e saíram desanimadas da sala.

"Pouco se me dá", pensou Clarissa irritada. "Não tenho tempo e, além do mais, êles também podem ir aprendendo que a vida não passa de trabalho duro".

"Pôs o ferro para esfriar, pregou os botões que faltavam na camisa de John e, enquanto atacava uma cesta de roupa para serzir, ia sentindo cada vez mais auto-comiseração.

A tarde se escoou; e quando Clarissa percebeu o adiantado da hora, dirigiu-se depressa para a porta, procurando automàticamente o balde. Os ganchos vazios pareceram machucar seu coração, quando tomou tento de quanto tempo se havia passado desde que ouvira as vozes das crianças pela última vez.

Ela não perdeu tempo, correndo para o lado da casa de troncos, onde avistou a horta apenas meio regada. Os baldes haviam desaparecido também. O terror que instàntaneamente se apossou de Clarissa passou quase tão de repente como começara, ao ouvir a vòzinha de Mary Jane, rompendo o silêncio. "Sissy! Sissy!" Enquanto Clarissa se virava para trás, May Jane contornou o lado da casa. "Sissy, onde está Wilford?"

A pergunta trouxe o mêdo de volta na hora. Seu coração pulsava audìvelmente no silêncio, enquanto ela procurava controlar a voz. Abaixou-se ao lado da irmã e procurou permanecer calma, perguntando: "Êle não estava com você?"

Cenas terríveis atravessaram-lhe a mente como um relâmpago, enquanto Mary Jane explicava: "Nós fomos até o rio apanhar amora. Eu fiquei cansada e dormi. Quando acordei êle não estava mais lá".

Ela corria tão depressa que a respiração lhe vinha aos arrancos, ofegante. O rio! A simples palavra fazia-a tremer. Wilford havia sido avisado muitas vêzes para não chegar muito perto da margem. Enquanto corria, gritava frenèticamente, rogando a Deus por uma resposta. Seus olhos examinaram os arbustos desesperadamente, depois voltaram-se para a água límpida. Sentiu um alívio imediato ao ver tudo em ordem, mas durou apenas um segundo, enquanto se compenetrava de que ainda não o tinha achado e êle podia estar não se sabe onde. Seguindo pela beira do rio, o sentimento de culpa pesava sôbre sua alma como uma esponja encharcada. Wilford, o mais nôvo da família, havia sido sempre uma fonte de alegria, especialmente durante os negros dias que sucederam a morte de sua mãe. Novamente seus olhos vasculharam o mato e a correnteza borbulhante. Nada encontrando ali, virou-se para examinar ao redor. O vazio que avistou fê-la voltar os passos para a extremidade do campo onde seu pai trabalhava.

O mato crescia alto e parecia acenar cìnicamente ao vento, como que desafiando-a a encontrar o que procurava. À frente o caminho de terra firme terminava abruptamente em areia fôfa, descendo para o velho local da mineração. O mato também desaparecia ali, permitindo-lhe avistar uma pequena figura adormecida na margem. Ela chegou até êle instantâneamente, despertando-o com lágrimas de felicidade. "Sissy, não chore", protestou Wilford, enquanto ela o punha em pé e limpava a areia de sua roupa. De mãos dadas caminharam em direção a sua casa de troncos, encontrando Mary Jane, que vinha vindo atrás, tão depressa quanto permitiam suas pequenas pernas. Ao chegar em casa, Clarissa viu John descarregando a farinha da carroça. Papai e eu estamos mortos de fome, Clarissa. Nós não estivemos brincando o dia inteiros. Sabe?", repreendeu John, enquanto lhe entregava uma carta. As réplicas mordazes que costumeiramente atirava ao rapaz morreram-lhe na garganta e ela disse gentilmente: "Claro, John. Vou correr com o jantar". Enfiou a carta no avental, apesar de estar para lê-la.

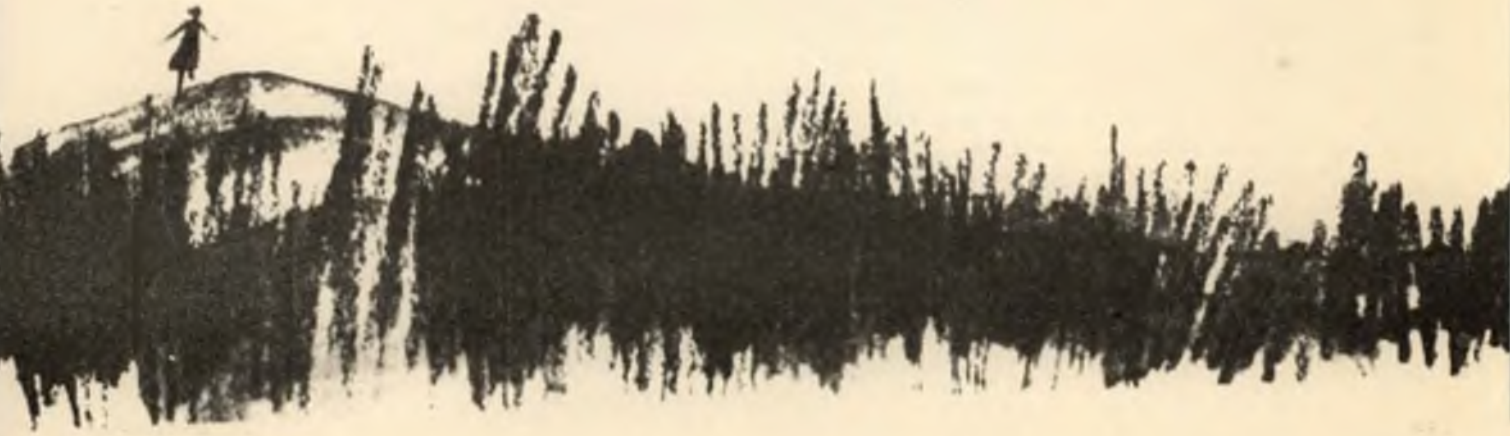
Após concluído o jantar e as crianças estarem a salvo na cama, Clarissa sentou-se com seu pai e o irmão perto da lareira. Silenciosamente abriu a carta e começou a ler. O pai relanceou o olhar. "De Maggie?", perguntou. Clarissa afirmou com a cabeça e continuou a ler.

Pôs a carta de lado e uma vez mais seu pai falou. "Como está o pessoal?" Ela leu o parágrafo em voz baixa:

"Eu estou com tia Abigail e Susie ficou com nossos primos em Boston. Os meninos estão espalhados entre meus avós e tios. Por causa do trabalho de papai na barca, é impossível permanecermos todos juntos. Como sinto saudades de ter uma família de nôvo. Parece que fazem anos desde que mamãe morreu, quando estávamos todos reunidos.

Enquanto Clarissa dobrava a carta, seus olhos encontraram-se primeiro com os de seu pai e depois com os do irmão.

A casinha de troncos parecia resplender à luz do fogo.



"...Devido a maldades e desígnios que existem...
nos corações dos homens conspiradores...
de antemão vos aviso, por meio desta palavra de sabedoria..."
(D&C 89:4)

Fiel à Fé

Ann Bedford Williams

Era um daqueles dias em que eu deveria ter ficado na cama. Para falar a verdade, fiquei. Dormi demais e mal tive tempo de enfiar uma roupa, engulir alguma coisa e varar impacientemente o trânsito até o jornal onde estava sendo iniciada no trabalho de revisão há exatamente dois dias.

Não procurarei descrever os detalhes, insignificantes porém irritantes, a que tive de atender antes de sair, mas o que me havia escapado completamente, até chegar ao meio da cidade era o fato de que duas amigas e eu deveríamos apresentar um trio de instrumentos de corda no espetáculo da AMM aquela noite.

"Barbaridade!" pensei, ao chegar a minha mesa. "Por que é que eu continuo me desgastando por causa de minhas obrigações na Igreja? As outras pessoas do escritório parecem divertir-se tanto. Nunca se preocupam em fazer o trabalho de sua igreja — mesmo aquêles que freqüentam alguma igreja. Naturalmente, ninguém por aqui é santo dos últimos dias — mas, ainda assim parece-me que nossa Igreja exagera, algumas vêzes, em reuniões, trabalho e o resto que se segue".

Minha acompanhante de revisão, Mary, uma senhora grandalhona e maternal interrompeu minhas divagações com um "Bem, vamos ver êstes anúncios aqui". Mary não gostava das quartas-feiras. Era o dia que antecedia a diagramação da enorme página inteira de propaganda de secos e molhados, anunciando as vendas especiais do fim-de-semana, feita no departamento de publicidade. Cada anúncio tinha de ser lido em voz alta, para que nenhum preço ou marca saísse trocado. Eu lia o material para Mary, enquanto ela revisava a prova.

Inicei a tediosa rotina de ler os anúncios. Eram 7:30 h da manhã. Dentro de doze horas estaria na AMM — ou não estaria? Seria um dia bem longo.

Mary era inveterada bebedora de café, como de resto todo o pessoal do escritório, exceto eu, naturalmente. Como o escritório não servia café, cada um trazia sua garrafa térmica de casa tôdas as manhãs e a deixava em cima da mesa. Mary recorria freqüentemente a sua garrafa, mas nunca perdia uma palavra ou um preço do que eu ia lendo para ela. É preciso prática, imagino.

A parada para o almôço era às 11:30 h. Pusemos os anúncios de lado durante meia hora e reunimos nossos pertences. Antes de atravessar a porta em demanda do restaurante da esquina, Mary virou-se para mim e perguntou:

"Você é mórmon?"

"Sou, sim", repliquei.

"Pois eu tenho estado observando você o tempo inteiro e tudo o que precisou para manter-se em forma a manhã tôda foi um copo d'água. Você leu durante quatro horas a fio. O que é que vocês tomam de manhã em vez de café?"

"Bom, bebemos leite, suco de fruta, água", respondi, depois de pensar um pouco.

"Não sei como conseguem! Eu preciso de café quase a cada minuto para manter-me em forma", falou enquanto saía.

Durante um momento de paz, coisa rara às quartas-feiras (especialmente antes do fechamento), um rapaz que poderia ser um pouco mais velho do que eu veio da sala de composição perguntar a Mary algo a respeito de um preço num anúncio (até revisores se enganam ocasionalmente!), e Mary apresentou-me a êle. Vou chamá-lo de Lloyd. Êle impressionou-me de imediato e eu fiquei imaginando se êle seria membro da Igreja. Após o rapaz ter saído, Mary respondeu a pergunta não formulada. (Talvez ela lesse minha mente!).

"Sabe, Lloyd é mórmon também", disse casualmente. "Ótimo", respondi, procurando não parecer demasiado interessada.

"Não me esqueço a primeira semana que estêve aqui aprendendo a operar a máquina!" Mary riu. "Que sujeito! Sempre procurando ajudar a todos — um ótimo rapaz. Bem, certo dia eu pedi a êle que me passasse a chícara de café e você devia ter visto o que êle fêz! Enfiou uma régua pela alça da chícara para me passar. Disse que nem queria tocar nela. Eu quase morri de rir!"

Mary e eu rimos alto por uns minutos, porque a descrição dava uma imagem bem humorística de um sujeito que realmente queria permanecer no caminho "reto e estreito".

"Mas nós finalmente o convertemos", concluiu Mary, rindo ainda. "Agora êle bebe café junto com todos nós".

Você já tomou um banho frio num dia bem quente e lembra-se do choque da água gelada — que cai sôbre a pessoa e a faz estremecer, deixando-a arrazada? Foi bem assim que eu me senti naquela hora. De certa forma, era como se estivesse rindo de uma história sem graça.

Em que ponto teria êle se desviado? Talvez tivesse apenas decidido, numa noite de verão que não iria à AMM, como eu pensara fazer pelo menos quatro vêzes aquêle dia.

"Ann, minha velha", falei de mim para mim a caminho de casa naquela tarde "é melhor você se precaver". Recordei o refrão do hino que havíamos cantado na AMM há pouco (Hino 116).

Vamos ver como é mesmo?

Sempre fiéis nossa fé guardaremos,
Sempre valentes, com ardor lutaremos,
A nossa mão e o coração
Ao teu serviço, Senhor, estão.

Irônicamente, eu que havia regido o hino, estava pensando em não ir à AMM. Hipócrita, não?

Minhas duas amigas e eu nos encontramos na Igreja um pouco antes das 19:30 h naquela noite, para afinarmos antes de tocar. Eu via essas pessoas sob uma nova luz. Elas não eram diferentes de mim; provàvelmente também teriam apreciado ficar em casa para variar, vendo televisão, ou talvez ido ao cinema. Mas estavam ali, na Igreja, onde deviam estar na quarta-feira à noite. Eram, na verdade, mais ocupadas na Igreja do que eu. Teriam até a desculpa de ficar em casa para preparar a aula da Escola Dominical ou da Sociedade de Socorro. Mas estavam **lá**! O mesmo acontecia com milhares de outros santos atarefados e fiéis em todo o mundo, que estavam-se reunindo em suas capelas para a AMM. E eu era um dêles. Quão grata me sentia naquele momento de estar ali também.

Voltei para casa naquela noite após uma apresentação coroada de êxito e sentia-me consideràvelmente mais humilde do que a caminho do trabalho, pela manhã. Estranho — parece que isso fôra há tanto tempo. Tinha sido um longo dia, mas muito valioso — um dia que aumentou meu testemunho:

"Deve Sião fugir à luta,
Deve agora desistir?"
Não esta jovem!

Não Sei

Lowell L. Bennion

Todo o mundo faz perguntas que desejava ver respondidas — perguntas para as quais não há resposta na experiência humana, nem na ciência, filosofia ou na vida diária. É natural, então, voltar-se para a religião a fim de resolver os mistérios da vida.

Através da fé e da revelação, a religião faz-nos ultrapassar os limites do conhecimento baseado apenas na experiência humana. Ela nos apresenta grandes postulados de fé concernentes à existência, caráter e propósitos de Deus, a origem e destino do homem e a missão salvadora de Jesus Cristo.

Apesar de o evangelho fazer-nos ultrapassar as fronteiras do conhecimento humano em certos aspectos, isto não significa que tôdas as coisas da vida e do universo devam ser explicadas pelas escrituras ou pelo púlpito. A plenitude do evangelho — como o Pai e o Filho o vivem — não é nossa. Os dons do evangelho — o sacerdócio, o dom do Espírito Santo, a revelação e a existência expiatória de Cristo — são oferecidos a todos os homens, mas não compreendemos seu completo significado; não usufruímos em nosso débil estado humano a sua plenitude. Os primitivos profetas perceberam bem que o homem não compreende todos os caminhos de seu Criador.

Em seu comovente sermão de despedida, o rei Benjamim disse:

"...**Acreditai que o homem não compreende tôdas as coisas que o Senhor pode compreender**". (Mosiah 4:9).

Em eloqüentes palavras, Isaías expressou o mesmo conceito:

"Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos". (Isaías 55:8-9).

E Moisés, tendo estado na presença de Deus e não tendo contemplado mais que uma pequena parte de suas obras,

"e disse a si mesmo: Agora, isto sei que o homem é nada, coisa que nunca havia imaginado". (Moisés 1:10).

Implicações para os Professôres

Aquêle que ensina o evangelho não deve sucumbir à tentação de achar que possui ou deve possuir a resposta a tôdas as perguntas. Êle deve guardar-se de especular sôbre o desconhecido, inventando respostas tiradas de sua própria experiência e imaginação — respostas que não têm base nem em fatos nem na escritura.

(1) O professor deve ser cuidadoso por várias razões: Não devemos limitar o grande Criador ao nosso insignificante conhecimento. Seus caminhos não são os nossos caminhos. É mais conforme com as escrituras, mais reverente e mais legítimo dizer que o homem foi feito à imagem de Deus do que **fazê-lo à** imagem do homem. Nem o Criador está limitado em sua obra criadora pelas maneiras e pelo conhecimento do homem.

(2) A sabedoria do professor é sempre limitada; e quando emite conceitos seus sôbre o desconhecido, arrisca-se a edificar a fé sôbre alicerces que não resistirão na vida de seus alunos. Êle os prepara para a queda, a desilusão, a perda de fé. Um professor não deve ensinar coisas que precisem ser desaprendidas.

Nossa sugestão, portanto, é que o professor do evangelho não tema fazer afirmações tais como "Não sei"; "Pelo que sei, isto ainda não foi revelado"; "Neste extraordinário mundo de Deus existem muitas coisas que nós não conhecemos"; "Vamos esforçar-nos por compreender e viver os princípios básicos e fundamentais, como o arrependimento o perdão, a humildade e o amor, antes de sondar os mistérios de Deus"; "Mas continuem a fazer perguntas — sempre e quando quiserem — algumas poderemos pesquisar, outras teremos de pôr de parte.

Eis aqui um expediente muito simples que resolverá o seu problema de ampliação de figuras.

Amplie suas Ilustrações

Naola V. Watson

Todo o mundo sabe que os auxílios visuais são essenciais ao bom ensino. Mas, conquanto seja fácil encontrar-se gravuras para ilustrar aulas infantís, o que dizer das classes maiores de adolescentes e adultos? Considere uma classe de pais na qual o professor mostre uma grande ilustração de um rapaz em julgamento, diante do juiz. O professor pergunta à classe: "Quem é êste rapaz? Seu próprio filho daqui a dez anos? O filho de seu vizinho?" "Como foi que os pais dêste jovem lhe falharam?" A foto permitirá aos alunos visualizar a cena e os estimulará a meditar sôbre sua responsabilidade como pais.

Ou considere uma classe que esteja estudando a história do **Velho Testamento**. O professor entra em classe, coloca ràpidamente um grande mapa da Terra Santa no quadro. Melhor ainda, o professor faz com que um dos alunos desenhe o mapa no quadro-negro. Enquanto expõe a lição, os alunos podem-se orientar geogràficamente quanto aos eventos relatados. É muito mais satisfatório ter-se uma idéia definida de onde um fato ocorreu do que apenas uma vaga idéia de "algum lugar na Palestina".

Admitindo-se que as gravuras também são um auxílio valioso no ensino de grupos adultos, onde podem os professôres obter ilustrações grandes?

As gravuras de revistas constituem excelente material, mas a maioria delas são pequenas demais para serem usadas com proveito numa classe de tamanho médio da Escola Dominical. Como se pode ampliar uma ilustração ou parte dela que se adapte à lição? Os parágrafos seguintes descrevem um instrumento que todo o mundo pode preparar e usar, e com o qual se pode reproduzir ampliações suficientemente fiéis do original, para demonstração em classe.

O método:

1. Arranje uma tira elástica de borracha bem fina, de uns 8 cm de comprimento. Amarre com fôrça um pedaço de fio claro ao redor dêle, a aproximadamente 3 cm de distância da extremidade esquerda; corte as pontas do fio. O nó é o "marcador".

2. Prenda seu papel de desenho à mesa ou quadro-negro com fita adesiva.

3. Coloque a ilustração a ser ampliada à esquerda do papel e prenda-a também com firmeza.

4. Coloque o elástico à esquerda da ilustração a ser ampliada, no centro, com o marcador a esquerda da extremidade esquerda da ilustração. Prendendo a extremidade direita do elástico ao lápis, fixe a extremidade esquerda do elástico contra a mesa ou quadro-negro com o polegar esquerdo.

5. Com os olhos em posição vertical sôbre o marcador, faça-o mover delineando os traços da ilustração, enquanto mantém o elástico esticado, traçando ao mesmo tempo a figura ampliada com o lápis.

Notas adicionais:

(a) Não mova o ponto de referência prêso sob o polegar até que o desenho esteja completo. Prenda o elástico com fita adesiva no lugar, antes de apoiar o polegar, se quiser.

(b) Você pode interromper um traço e iniciar o desenho em outro ponto sem dificuldade.

(c) Mantendo o lápis ou giz perpendicular, a precisão será maior.

(d) Se o elástico ficar demasiado esticado poderá haver distorção.

(e) Prenda a ilustração para experiência em determinada posição e estique o elástico para verificar (1.º) os movimentos do marcador e (2.º) pontos atingidos pela extremidade direita. Se a posição fôr satisfatória, a ilustração pode ser prendida com mais firmeza.

(f) Quando quiser uma ampliação maior, amarre o marcador mais perto da extremidade esquerda do elástico; se a quiser um tanto menor, mova o marcador para mais perto do centro do elástico.

(g) Os detalhes menores da ilustração terão provàvelmente que ser acrescentados ou retocados a mão.

Era uma vez um cãozinho que queria entrar para o circo...

Gógi

Madeline Eccardt

Gogi latiu cheio de esperança, correndo para o grande toldo. Êle sempre desejara fazer parte do circo. Gostava da música, dos animais e, sobretudo, das pessoas. Gogi procurava um grande amigo. Abrindo caminho entre o povo, o "poodle" preto como carvão parou diante da jaula dos leões. Observou-os pular através de um aro, um por vez.

"Um belo truque, êsse", disse êle, aproximando-se da grade.

"Mas levou vários anos para aprender", comentou um dos leões. "Que truques você conhece?"

"Eu acho que sei pular através do aro", disse Gogi, tomando impulso e pulando em direção ao aro. Errou o pulo e caiu estatelado no chão. Todo o mundo desatou a rir. O cachorrinho afastou-se tristemente.

"Eu lhe disse que era preciso vários anos para aprender!", disse o leão atrás dêle.

Ah! Se houvesse alguma coisa que êle pudesse fazer! Imediatamente ouviu o relinchar de cavalos. Os doces olhos castanhos de Gogi se dilataram à vista de uns grandes cavalos brancos dançando elegantemente ao som da música. Quando pararam, o pequeno "poodle" olhou para os grandes garanhões.

"Deve ser maravilhoso dançar assim", disse êle. "Posso tentar dar êsses passos?"

"Experimente, vamos", disse o primeiro cavalo.

"Mas é preciso treinar muito tempo", advertiu o segundo.

Gogi pulou para o picadeiro. Correu ao redor dêle e tentou dançar. Suas pernas não se curvavam com a mesma agilidade que as longas pernas dos cavalos. Foi tão cômico que os garanhões relincharam alegremente e o povo todo riu alto.

"É melhor você aprender outra coisa, se quiser entrar para o circo", disse o primeiro cavalo.

Gogi ficou muito infeliz. Sua cabeça pendeu tanto que as longas orelhas desceram. Estavam quase se arrastando pelo chão, quando a banda do circo entrou no picadeiro e encheu o ar de música. As notas altas e alegres das flautas misturaram-se com o rufar dos tambores, enquanto os trombones soaram com fôrça.

Em um instante as orelhas do cachorrinho se levantaram. Sua cauda abanou alegremente. Afinal descobrira seu lugar, pensou, enquanto corria a emparelhar-se com os homens.

Inesperadamente, um grande tambor fêz "Bum!" O ruído foi tão forte e soou tão próximo que o cachorrinho pulou para atrás. Gogi ganiu de mêdo ao cair perto de um enorme par de botas que gingavam. Êle não conseguia afastar os olhos delas, enquanto marcavam a cadência da música. Quando saltou de lado ràpidamente, para evitar ser pisoteado, relanceou os olhos pelas calças verdes bufantes. Uma camisa amarela pintadinha e larga caía sôbre elas. Gogi fitou pasmado a cara de lua com grandes lábios vermelhos abertos num sorriso tolo. Um tufo de cabelo vermelho brotava do tôpo da cabeça.

"Venha cá", chamou uma voz. Um par de grandes mãos brancas estendeu-se para Gogi. Elas eram tão grandes em comparação com o cãozinho que a multidão explodiu em riso. O pobre Gogi tentou fugir da parada tão depressa quanto suas pequenas pernas permitiam.

Ouviu as enormes botas pisando ruidosamente atrás de si. De repente as mãos o agarraram. Êle escapou por entre os dedos e fugiu. Aplausos entusiastas, que soaram como trovões, fizeram-no correr para esconder-se sob um banco. As grandes mãos brancas alcançaram seu esconderijo e o arrastaram de lá. Uma voz suave sussurrou: "Não tenha mêdo".

Mãos delicadas seguraram Gogi com firmeza. Êle aconchegou-se ao grande palhaço.

Depois da parada, Vermelhão levou-o ao diretor do espetáculo. Êles deram a Gogi uma coleira brilhante e um laço vermelho. Todos os dias, êle corria pelo picadeiro e divertia-se brincando com seus

novos amiguinhos. Ah! Se êle pudesse participar do espetáculo, seria muito feliz.

Atravessando a cena, um dia, Gogi passou pela janela dos leões.

"Vejo que você entrou para o circo", disse o leão.

"Entrou para o circo?" Gogi ficou intrigado. Êle não havia aprendido truque algum. Era um simples cãozinho que havia encontrado um amigo. Mas não fazia parte do circo.

"Sim, você foi uma ótima descoberta para o espetáculo", concordaram os cavalos dançarinos.

"De que é que vocês estão falando?" perguntou Gogi. Um dos cavalos apontou com a cabeça para um grande cartaz.

"Veja você mesmo", disse êle.

Gogi olhou para cima e viu o cartaz. Era um quadro de seu amigo palhaço, Vermelhão, correndo atrás de um "poodle" prêto. Seria verdade? Sim, era mesmo! Gogi era o cachorrinho mais feliz do mundo inteiro. Êle era parte do circo finalmente. Melhor do que tudo, havia encontrado um amigo!

A Partir de Cumorah

(Continuação da página 8)

naquela linha de profetas de quem Zenos (como o Sadoque dos Manuscritos) é protótipo.

Voltemos brevemente ao assunto de Zenos. Poderia êle ter sido o autor dos *Hinos de Ação de Graças?* Sim, mas isto não é indispensável — poderia também ter vivido centenas de anos antes do poeta de Qumran e ainda assemelhar-se a êle muito estreitamente. Afinal de contas, meia dúzia de Sadoques foram identificados, todos semelhantes e empenhados no mesmo tipo de atividade. Nos escritos apócrifos é lugar comum que dois heróis de características semelhantes sejam identificados um ao outro na mente das gerações posteriores. Da mesma forma que os escritos religiosos egípcios (com os quais têm genuína afinidade) os documentos que temos analisado estão repletos de símbolos e imagens, de preferência a eventos históricos e personalidades singulares; os antigos textos religiosos tratam, num grau que às vêzes não conseguimos compreender, com elementos, caracteres e nomes intercambiáveis. É difícil para um ocidental de mente analítica compreender êsse fato e uma grande quantidade de tinta tem sido desperdiçada em estudos que visam precisar êste ou aquêle caráter ou evento dos Manuscritos do Mar Morto. Mas para o povo que escreveu os Manuscritos era bem possível que João fôsse um Elias ou o Mestre da Retidão um Messias.

(Continua no próximo número)

NOTAS

87 A situação é retratada nas *Epístolas dos Apóstolos*, c. 20 (31) s. (texto etíope) e xiv (texto copta), e no recém-descoberto *Apócrifo de Tiago*, discutido por H.-C. Puech e G. Quispel, em *Vigillae Christianae*, 8 (1956), págs. 10-11.
88 *Evangelho de Filipe*, 106.
89 *Evangelho de Filipe*, 104, confronte-se com 110.
90 Puech e Quispel, *op. cit.*, págs. 13-15.
91 *Ibid*, p. 13.
92 *Evangelho de Tomé*, 52.
93 *Evangelho de Filipe*, 116, 118.
94 Recente abordagem dessas idéias foi feita em *The Dawn of Civilization*, ed. S. Piggott, (N. Y.: McGraw-Hill, 1961).

O Espírito de Elias

(Conclusão da página 22)

por concêrto perpétuo, para te ser a ti por Deus e à tua semente depois de ti." (Gên. 17:7.)

Continuando,

"E em tua semente serão benditas tôdas as nações da terra; porquanto obedeceste à minha voz". (Gên. 22:18.)

Essas mesmas bênçãos foram dadas a Isaque, Jacó, José, filho de Jacó, e através dêle a Efraim e sua semente. Portanto, as grandes e profundas promesas concernentes à ordem patriarcal do sacerdócio, e à bênção da semente eterna por meio dêste convênio, chegou até os que são da semente de Efraim, através de Jacó, e a tôdas as demais pessoas que se arrependerem e aceitarem essas santas promessas, para que possam ser adotadas na linhagem de Abraão e tornar-se herdeiras da mesma forma que os da linhagem de Abraão.

Em nossos dias, na dispensação da plenitude dos tempos, esta mesma promessa, grande e preciosa foi feita a todos os que entraram nos templos de nosso Deus e participaram do nôvo e eterno convênio do casamento. Sôbre êles foram conferidas as bênçãos de Abraão, Isaque e Jacó, nossos pais na carne, para que nós também sejamos herdeiros e co-herdeiros com nossos pais, se diligentemente tentarmos obter essas promessas, como fêz nosso pai Abraão, e obedecermos os mandamentos divinos.

Assim sendo, as promessas feitas aos pais, que os filhos deveriam cumprir nos últimos dias, eram de que tôda a alma que aceitasse o evangelho de Jesus Cristo, através das águas do batismo, prometendo obedecer o evangelho e guardar os seus mandamentos, teria o privilégio de entrar na divina ordem patriarcal do sacerdócio. E, mais, que o espírito de Elias penetraria em seus corações — ou seja os corações dos filhos — de todos os que estivessem desejosos de guardar a lei, e os faria voltar-se para seus ancestrais, no espírito da obra dos templos, a fim de que nos esforçássemos com todo o poder, mente e fôrça para executar a obra por êles, para que também pudessem entrar na exaltação e continuação da semente para todo o sempre. O profeta Joseph Smith disse que havia tido uma visão da obra e que: "Os que a negligenciassem fa-lo-iam com perigo de sua própria salvação".

Melodia Matinal

Wilma Boyle Bunker

Na mesa do lanche, certa manhã, nosso filho adolescente surpreendeu-me com uma observação: "O que é isso hoje! Todo o mundo está mal do fígado?"

"Por que você diz isso?" perguntei, com um toque de irritação na voz.

"Eu é que não sei o que anda acontecendo", respondeu êle, "mas que isto aqui parece um velório, parece".

"Fígado ruim" — "velório" — são acusações bem sérias para qualquer lar. Será que eu era responsável por essa atmosfera?

Mas eu faço tudo tão bem quanto minhas amigas, raciocinei comigo mesma, depois que todos já haviam saído para a escola ou o trabalho. Procuro ser boa mãe, conservo a casa limpa, as roupas lavadas e passadas, preparo refeições apetitosas. Em que estarei falhando? Será que não estou conseguindo criar para minha família uma atmosfera agradável, que se irradie para fora do nosso lar?

Foi então que decidi tentar um experimentozinho secreto, uma pequena campanha disfarçada para melhorar a situação e, como estudei música, procurei recurso nela. Minha estratégia era simples. Tôdas as manhãs, enquanto preparava o lanche, punha a mesa e preparava a família para o dia, murmurava deliberadamente uma pequena melodia, ou cantava baixinho uma canção. Sabia muito bem que haveria dias em que não estaria para canções, mas decidi tentar a experiência.

Nada aconteceu durante algum tempo e tinha quase concluído que talvez minha idéia não fôsse tão boa afinal de contas, quando os dividendos surgiram. Saindo da mesa, pela manhã, meu filho disse com entusiasmo: "Puxa, mamãe, que delícia de lanche. O que teremos para o jantar hoje à noite?" e saiu da mesa assobiando a melodia que eu tanto precisara me esforçar para cantar naquela manhã.

Depois meu marido comentou, enquanto apanhava as chaves do carro e preparava-se para sair: "Não sei o que tem havido, meu bem, mas as coisas parecem correr muito melhor ùltimamente", e saiu murmurando a mesma melodia.

Talvez minha pequena experiência funcione afinal, pensei comigo mesma, mal acreditando no que ouvira.

Limpei depressa a mesa e lavei os pratos e depois, de repente, sorri surpreendida, ao descobrir que eu também estava murmurando inconscientemente a canção que cantara antes.

"Quer saber de uma coisa", disse desta vez em voz alta. "Isto funciona nos dois sentidos. Acho que o feitiço virou-se contra a feiticeira".

Marionetes

Na página 28 apresentamos um método muito prático de copiar e ampliar figuras. Experimente-o copiando estas duas para fazer duas engraçadas marionetes. Corte na linha pontilhada um orifício para introduzir os dedos. O elefante terá uma trombinha móvel, o palhacinho terá duas perninhas. Êste truque poderá divertí-lo, e às suas crianças, e poderá ser aplicado a outras marionetes.

Vovó,

Valor Inestimável

As lembranças de uma avó estão entre as coisas mais caras da vida. Compare as recordações de uma família que teve avó com as de uma em que ela partiu antes que as crianças pudessem recordá-la. Há sempre aquela tristeza de não a terem conhecido, de não terem recebido dela algumas lições.

O próprio passado pioneiro retornava quando vovó caminhava até o poço do quintal, bombava vigorosamente um balde de água e depois entrava na cozinha sem fôrro para preparar seu jantar. Algum tempo antes já havia nos degraus do poço, sombreados pelas árvores, uma porção de ervilhas com casca que ela havia colhido e carregado para casa no avental. Também desperta saudades o vapor que se desprendia do lençol, enquanto um ferro quente o alisava e êle era dobrado e redobrado quase automàticamente, sob as batidas ritmadas. Um dos irmãos de vovó fôra morto pelos índios no Sul de Utah. Isto fazia com que se temesse quando algum índio chegava à porta para pedir pão. Havia uma índia que todos consideravam má, porém ela e vovó pareciam entender-se perfeitamente. Todos reuniam-se às nove da noite para a oração familiar. Ajoelhavamo-nos perto do grande círculo de cadeiras distribuídas ao redor da mesa de jantar e usualmente o velho relógio fazia "bong" em meio à prece, dando as horas. Recordações preciosas que nos abriam um vislumbre rápido de uma era já passada!

Que fatos e experiências deixarão para seus netinhos as avós de hoje? Naturalmente experiências dos dias anteriores ao advento do automóvel, do rádio, televisão, cinema falado, avião, lavadeiras automáticas, secadoras e geladeiras; mas, por outro lado, a não ser por ser mais calma em certos aspectos, menos tumultuosa e cansativa, a vida não é fundamentalmente tão diferente.

Qual é então o legado inestimável que uma avó pode deixar, para os difíceis dias vindouros? Talvez seja um baluarte de valôres morais. Reunir as crianças, em turnos, quando aparecerem para visitá-la e falar das coisas do espírito, relatar experiências de cura na família e auxiliá-las a compreender a unidade familiar — descrever a maravilhosa cura daquela velha (para elas) tia avó quando pequena. Emocioná-las com a história de seus ancestrais que entraram para a Igreja, fazendo-as compreender que a vida foi difícil para êles também e que venceram grandes tentações.

Muitas vêzes uma experiência pessoal pode ser relatada através de uma escritura, para auxiliá-los a compreender que os homens são irmãos em qualquer época. Quando os netos podem visitá-la constantemente, é benéfica uma leitura sistemática das escrituras — não necessàriamente lidas de uma obra-padrão — mas procurando-se atingir a compreensão da criança com a seqüência dos eventos históricos do mundo, em relação ao evangelho, para depois mostrar-lhes num panorama geral onde se enquadra seu mundo atual. É a época de mostrar aos netinhos o privilégio que representa ter sido escolhido para vir à terra durante esta grande dispensação final, bem como a necessidade de permanecerem fiéis e leais a sua herança.

Algumas avós têm o hábito de convidar todos os seus netos para visitá-la em certos dias; outras convidam-nos por idade; outras por sexo; outras na medida em que as crianças pedem para vir. Seria do maior valor para elas o fortalecimento dos princípios de retidão aprendidos no lar. Vivemos hoje nos dias de ciladas de há muito preditos, em que os próprios eleitos seriam enganados; êles atravessarão tempos perigosos e o papel de uma avó pode ser vital, ensinando através do amor e da compreensão a sabedoria que acumulou através dos anos.

Escola Dominical

Os hinos de ensaio, as jóias sacramentais, e o acompanhamento ao órgão, referentes ao mês de janeiro serão publicados no próximo número.

Aquí Estão os Dados Estatísticos Sôbre a Igreja

Dezembro de 1966

Número de Estacas de Sião no fim de 1966		425
Número de alas	3.409	
Número de ramos independentes nas alas	613	
Número total de alas e ramos independentes no fim de 1966		4.022
Número de ramos de missões no fim de 1966		2.053
Número de missões de tempo integral no fim de 1966		75

Número de membros em 31 de dezembro de 1966

Nas estacas	2.032.359	
Nas missões	448.540	
Total de membros		2.480.899

Crescimento da Igreja durante 1966

Crianças abençoadas nas estacas e nas missões	50.824
Crianças de registro batizadas nas estacas e missões	48.273
Conversos batizados nas estacas e nas missões	68.843

Estatísticas sociais (baseadas em dados de 1966 obtidos nas estacas)

Taxa de nascimentos por mil	25,23
Número de pessoas casadas por mil	14,85
Taxa de mortalidade por mil	5,07

Sacerdócio — Membros portadores do Sacerdócio Aarônico em 31 de dezembro de 1966

Diáconos	112.821
Mestres	79.288
Sacerdotes	113.777
Total de portadores do Sacerdócio Aarônico	305.886

Membros portadores do Sacerdócio de Melquisedeque em 31 de dezembro de 1966

Élderes	200.876	
Setentas	22.948	
Sumo Sacerdotes	67.970	
Total de portadores do Sacerdócio de Melquisedeque		291.794
Total geral de portadores do Sacerdócio de Melquisedeque e Aarônico		597.680

Acréscimo de 26.430 durante o ano

Organizações Auxiliares

Sociedade de Socorro (Sócias)	301.248
União da Escola Dominical Deseret (Freqüência média)	847.861
Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes (Alistamento)	311.510
Associação de Melhoramentos Mútuos das Môças (Alistamento)	297.044
Associação da Primária (Crianças Alistadas)	461.259

Plano de Bem-Estar

Número de pessoas assistidas durante o ano	108.744
Número colocado em emprêgos remunerativos	27.106
Dias-homem de trabalho doados ao Plano de Bem-Estar	114.772
Dias-unidade de uso de equipamento doados	7.015

Sociedade Genealógica

Nomes liberados em 1966 para ordenanças do Templo	1.599.710

Os registros genealógicos microfilmados em 13 países durante o ano foram equivalentes a 197.187 volumes impressos de aproximadamente 300 páginas cada um. No final do ano a Sociedade Genealógica tinha disponível em microfilmes para o uso da Igreja o equivalente a 2.231.656 volumes impressos de 300 páginas cada.

Templos — Número de ordenanças realizadas durante 1966 nos 13 templos em operação

Pelos vivos	59.218	
Pelos mortos	3.911.380	
Número total de ordenanças		3.970.598

Sistema de Escolas da Igreja

Total cumulativo de matrículas em 1966 nas escolas da Igreja incluindo institutos e seminários	189.125

(Extraído do Church News)

A Igreja no Brasil

Junho de 1967

Missão Brasileira

Número de Ramos	38
Número de Capelas construídas	12
Número de membros	12.488
Sacerdócio de Melquisedeque	330
Sacerdócio Aarônico	1.388

Missão Brasileira do Sul

Número de Ramos	41
Número de Capelas construídas	16
Número de membros	10.350
Sacerdócio de Melquisedeque	415
Sacerdócio Aarônico	700

Estaca São Paulo

Número de alas e ramos	9
Número de Capelas construídas	6
Número de membros	3.476
Sacerdócio de Melquisedeque	232
Sacerdócio Aarônico	240

Côro do Tabernáculo em Excursão

Os membros do Côro do Tabernáculo fizeram rápida excursão pelo pavilhão dos Estados Unidos na Expo'67, em Montreal, Canadá, durante sua recente turnê de nove dias, que incluiu concêrtos em Omaha (Nebraska); Montreal; Attleboro (Massachussetts), onde cantaram diante de 35.000 pessoas — a maior platéia da história do Côro; Chatauqua (Nova York); Saratoga Springs (Nova York), onde o Côro foi acompanhado pela Orquestra de Filadélfia; Detroit (Michigan) e Tulsa (Oklahoma). A crítica entusiástica e platéias de pé saudaram o Côro durante o transcorrer da turnê.

Novos Templos em Ogden e Provo

O Pres. Nathan Eldon Tanner da Primeira Presidência dirigiu-se em discurso a uma reunião de presidências de estacas da área de Ogden (Utah), e explicou a necessidade de dois novos templos nesse Estado, um em Ogden e outro em Provo. 28 presidências de estaca da área de Provo e 25 da área de Ogden aprovaram entusiàsticamente as propostas. O custo de cada construção foi orçado em cêrca de 2,5 milhões de dólares.

Quando estiverem em funcionamento, os dois novos templos aliviarão a pressão sofrida pelos templos de Salt Lake, Logan e Manti, nos quais foram realizadas quase dois milhões de ordenanças em 1966, ou seja 51 por cento das ordenanças realizadas.

MB Realiza Conferência com Presidências

São Paulo, agôsto, 6 — Em atendimento ao convite enviado pelo Presidente Lloyd R. Hicken da Missão Brasileira, mais de uma centena de membros de presidências de ramos e de distritos compareceram a um seminário de liderança, que durou dois dias, realizado na sede da Estaca São Paulo.

Da agenda constaram amplas discussões sôbre instruções e métodos de aperfeiçoar os variados aspectos das responsabilidades de liderança nos ramos. A matéria foi apresentada à participação dos irmãos pelo Pres. Hicken e pelos seus conselheiros, Mituo Ikemoto e Vitor Hugo da Costa Pires, tendo colaborado ainda o secretário da missão Wernher Spörl e élderes missionários.

Mórmon aos 79 anos

Após um mês de estudo da doutrina da Igreja, Dona Liberalina de Albuquerque Pinto, simpática anciã alagoana de 79 anos de idade, carinhosamente chamada "D. Bela", recebeu o privilégio de fazer um convênio com o Deus de Israel pelas águas do batismo, em 30 de junho próximo passado ,tornando-se membro da Ala II.

Proveniente de uma sólida formação cristã, D. Bela estava preparada para compreender, reconhecer e aceitar a verdade do Evangelho Restaurado. Leitora diária da Bíblia, interessou-se pela Igreja quando a sua neta, Aracy de Gusmão Apolônio, investigava a Igreja.

FÁBULAS de ESOPO
a rapôsa e o bode
MILT HAMMER
SAM KALSH
CERTO DIA UMA RAPÔSA CAIU NUM POÇO...

NINGUÉM A OUVIU CHAMAR ATÉ QUE, AFINAL, UM BODE VEIO PASSANDO...
O QUE VÔCE ESTÁ FAZENDO AÍ DENTRO?
BEBENDO ESTA DELICIOSA ÁGUA. PULE PARA CÁ E PROVE.

O BODE PULOU NO POÇO E BEBEU.
MUITO BOA. AGORA COMO É QUE SAÍO DAQUI.
ISSO EU TAMBÉM QUERIA SABER.

TENHO UMA IDÉIA. EU PULO SÔBRE VOCÊ, SAÍO, E DEPOIS LHE AJUDO.
QUAL!

A ASTUTA RAPÔSA PULOU SÔBRE O BODE E ESCAPOU DO POÇO.
EI! VOLTE AQUI! COMO É QUE VOU SAIR?

VOCÊ DEVIA TER PENSADO NISSO ANTES DE PULAR. NA PROXIMA VEZ, OLHE ANTES DE PULAR!

A ÚLTIMA PALAVRA

O garôto se derramava em lágrimas na porta da confeitaria.

"O que ocorreu, meu menino?" perguntou o dono.

"É que tinha vinte cruzeiros e perdí nalgum lugar".

O homem ficou com dó do menino e resolveu consolá-lo:

"Olhe, tome um pirulito de dez cruzeiros, de graça".

O garôto suspirou e depois continuou a chorar:

"E onde está o meu trôco?"

Elogios são como perfumes — deve-se cheirá-los e não engolí-los.

Num programa de perguntas, o animador perguntou ao entrevistado:

"Quantos saltos bem sucedidos um paraquedista deve dar para completar o curso?"

"Todos", respondeu o entrevistado.

"Ora, minha senhora. Eu não me preocuparia pelo fato do seu filho fazer bolinhos de barro", disse o psiquiatra, "nem mesmo de tentar comê-los. Isto é bastante normal".

"Bem, eu não penso que seja", respondeu a mulher, "e nem a espôsa dêle".

A liberdade não descerá a um povo, um povo deve elevar-se à liberdade; é uma bênção que deve ser conquistada antes de ser gozada.

Um comitê de cinco consiste de um homem que trabalha e qu tro outros que lhe dão tapinhas nas costas.

Uma mulher saiu de uma loja e viu um carro andando sem motorista. Heròicamente, correu, abriu a porta do carro, entrou e puxou o breque de mão. "Parei-o", disse triunfante. "Eu sei", disse o motorista saindo de traz do carro. "Eu o estava empurrando".

O gênio pode ter as suas limitações, mas não a estupidês.

Elbert Hubbard

Tenho lido os seus versos livres modernos fico imaginado quem os teria pôsto em liberdade.

John Barrymore

"Sabe que há algo engraçado com respeito a êsse negócio de falar mal dos outros? Aponte o seu dedo para mim".

O amigo fêz como lhe foi pedido.

"Agora observe, enquanto um dedo aponta para mim, pelo menos três apontam de volta para você, não é? Como vê, você, não pode deixar de ganhar por três contra um".

Isto é um bom truque para se recordar quando se quer evitar aborrecimentos. Lembre-se de que para cada dedo apontado para você, haverá três apontando para o seu detrator.